

BOLETIM LECAMP

Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza



LECAMPO

FORTALECENDO A LUTA PELA EDUCAÇÃO DO CAMPO NA UNIVERSIDADE

Índice

Boletim Lecampo | Número 5 | Março 2023

ARTIGOS E REPORTAGENS

04

EDITORIAL

05

AÇÕES DAS COMUNIDADES
TRADICIONAIS PARA
ENFRENTAR A
VULNERABILIDADE
ALIMENTAR

07

RETORNO À UFPR
PÓS-COVID-19

08

PANDEMIA E
VACINAÇÃO NAS
COMUNIDADES DO
CAMPO

10

SAÚDE NA TEKOÁ
INDÍGENA

12

DEFINIÇÃO DE
COMUNIDADES
TRADICIONAIS

14

ECONOMIA E CULTURA NO
VALE DO RIBEIRA

17

IDENTIDADE ÉTNICA E
CULTURAL

POESIA DO CAMPO

20

ADEMÃO

21

BENÇA, VÓ!

22

TAPÉRA
CAIÇARA I

23

TAPÉRA
CAIÇARA II

24

BALAIO DA
TAPÉRA

25

RECLUSÃO,
REINCLUSÃO

26

CANOVA

27

CAIÇARA QUE
LUTA

28

EM ROMARIA

30

MULHER

31

O ENCONTRO

32

SOU CABOCLO!

33

MEU QUILOMBO



CONTOS

34

ESPÍRITOS
ATORMENTADOS

35

HISTÓRIA DO
ALÉM

36

O ABISMO DO
ANDRÉ

37

GADO, PORCOS
E A PRAGA DO
PADRE

39

MEU PEDACINHO
DE CHÃO

40

HISTÓRIA DE FÉ

41

CACHOEIRA DO
GUILHERME, O
CORAÇÃO DA JURÉIA

43

EU ESTAVALÁ

45

A MÃE RAPOSA

47

ASMARIAS DO
BRASIL

Expediente

O Boletim Lecampo é uma publicação eletrônica do Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza (Lecampo) da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral.

Coordenação geral: Núcleo de Comunicação Popular (NCP) da Lecampo.
Equipe de educadores e educadoras: Adalberto Penha de Paula, Ândrea Francine Batista, Etienne Cesar Rosa Vaccarelli, Gilberto da Silva Guizelin, Júlio César David Ferreira, Viviane Camejo Pereira.

Projeto gráfico e diagramação deste número: Gustavo Beghetto Dias e Roger de Souza Castro, acadêmicos do curso de Jornalismo UFPR, alunos extensionistas.

Revisão deste número: Larissa Amanda Neumann da Silva e Thiago Tavella Ferrari, acadêmicos do curso de Jornalismo UFPR, alunos extensionistas.

Contato: ncplecampoufpr@gmail.com



Editorial

Desde o surgimento do Boletim Lecampo, em 2021, pelas educadoras e educadores do Núcleo de Comunicação Popular da Licenciatura em Educação do Campo da UFPR Litoral, almejou-se fazer do Boletim um veículo não só de informação, mas também um espaço que recebesse e acolhesse contribuições originais dos estudantes da Lecampo. Nesse intento, para além de materiais produzidos por educadores do próprio curso e por professores de outros cursos e instituições convidados a colaborar, a cada edição buscou-se agregar textos produzidos pelos estudantes, como forma de incentivo e reconhecimento do processo de construção da autonomia do conhecimento.

Nesta 5ª edição inauguramos uma nova fase do Boletim Lecampo. Pela primeira vez o Boletim foi integralmente projetado por nossos estudantes, desde a definição da pauta, passando pela construção das matérias até a diagramação do conteúdo. Para tanto, contamos com a prestimosa colaboração e parceria dos professores do curso de Jornalismo da UFPR Criselli Montipó e Hendryo Anderson André, assim como dos estudantes extensionistas de Jornalismo Gustavo Beghetto Dias, Larissa Amanda Neumann da Silva, Roger de Souza Castro e Thiago Tavella Ferrari.

Tendo em vista que a pandemia do Covid-19 exerceu - e ainda exerce - forte impacto sobre as nossas vidas, nesta edição retomamos uma vez mais este tema trazendo, porém, o ponto de vista dos estudantes da Lecampo. Nesse sentido, a primeira matéria que abre esta edição diz respeito às ações desenvolvidas em algumas das comunidades de nossos estudantes para minimizar o aumento da vulnerabilidade alimentar durante a pandemia. Na sequência, trazemos um relato de como foi retornar às atividades presenciais na UFPR Litoral em meio ao cenário de aumento de casos positivos de Covid-19 e

da conturbada - para não dizer sabotada - campanha nacional de vacinação em 2021. A campanha de vacinação nas comunidades do campo onde residem nossos estudantes, em especial a região do Vale do Ribeira paulista e na Tekoá (aldeia) indígena de Araça'i, em Piraquara, região metropolitana de Curitiba, são tema da terceira e quarta matéria deste Boletim.

Para além da pandemia de Covid-19 essa edição traz ainda uma matéria que resgata a legislação na qual se baseia o conceito de comunidades tradicionais. Esta é seguida por uma matéria que busca evidenciar quais as fontes de desenvolvimento econômico de alguns dos territórios ocupados pelos estudantes da Lecampo; e por uma matéria que evidencia a identidade étnica e cultural de parte das populações destes múltiplos e variados territórios.

Na sessão Poesias dos Estudantes da Lecampo, publicamos poesias escritas por nossos estudantes e lidas durante a mística de encerramento da Interação das Turmas da Lecampo, ocorrida entre os dias 01 e 02 de fevereiro de 2022 na UFPR Litoral.

Por fim, nesta 5ª edição do Boletim Lecampo publicamos os contos escritos pelos estudantes da Turma Chico Mendes. Estes contos foram produzidos no âmbito do módulo de Interações Culturais e Humanísticas (ICH) do primeiro semestre de 2022, após a leitura e discussão do livro Torto Arado, de Itamar Vieira Junior. Alguns contos abordam histórias reais vividas pelas famílias dos estudantes, já outros trazem "causos" locais passados de geração em geração entre os membros da comunidade.

**EDUCAÇÃO DO CAMPO: DIREITO
NOSSO, DEVER DO ESTADO E
COMPROMISSO COM A COMUNIDADE!**



REPRODUÇÃO/MAIS GOIÁS

AÇÕES DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS PARA ENFRENTAR A VULNERABILIDADE ALIMENTAR

Como as comunidades do campo e as áreas urbanas se articularam durante a pandemia de Covid-19 para enfrentar a vulnerabilidade alimentar.

Fabiane Barboza Alves de Anhaia, Danilo G. Matos, Cleide Divino, Mariana Costa Cardoso, Emanuelle Gonçalves França

Diante do cenário da pandemia de Covid-19, instaurada em 2021, as comunidades camponesas têm se organizado e mobilizado para minimizar os impactos provocados pela pandemia em relação à vulnerabilidade alimentar através de ações como a doação de alimentos e trabalhos voluntários.

No Estado de São Paulo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), de 2020 a dezembro de 2022, distribuiu pelo menos 8 mil toneladas de alimentos na campanha "Cultivando a solidariedade sem terra". No assentamento Rosa Luxemburgo, localizado no município de Iaras, houve uma grande mobilização para doação da produção.

Nesta mesma região estão localizados os assentamentos Maracy, Zumbi dos Palmares e Loiva Lourdes entre os municípios de Agudos, Iaras e Borebi SP. Os assentados que compõem os assentamentos citados acima realizaram trabalhos voluntários na confecção de marmitas solidárias com refeições que foram entregues para pessoas em situação de rua do centro da cidade de São Paulo e para um grupo de imigrantes em uma casa de acolhimento.

No município de Iporanga no Vale do Ribeira, os Fundos Sociais também ajudaram as famílias com cestas básicas, verduras e frutas oriundas das comunidades quilombolas que também foram grandes

AÇÕES DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS PARA ENFRENTAR A VULNERABILIDADE ALIMENTAR

apoiadores durante o tempo pandêmico. As escolas por sua vez também tiveram um importantíssimo papel durante esse período, distribuindo marmitas aos estudantes, porém, não contemplaram os alunos das zonas rurais devido a falta de transporte que impedia o deslocamento até o local da entrega.



Com relação ao Estado do Paraná, focando nas comunidades do povoado de São Miguel e Ilha do Mel, os impactos não foram diferentes. A comunidade de São Miguel sofreu muito com a chegada do vírus, pois, vários moradores foram infectados devido ao acolhimento dos seus familiares que moravam nas regiões metropolitanas de Curitiba e Paranaguá e queriam se refugiar no povoado e evitar de contrair o vírus. Diante desse cenário, o papel das escolas foi de grande relevância nesse período, que por sua vez ajudou muito as famílias dos estudantes, distribuindo cestas básicas, frutas e verduras para poderem se manter.

Na Ilha do Mel diversos comércios tiveram de fechar as portas por tempo indeterminado. Durante esse período foram feitas algumas ações como doações de cestas básicas por empresários e pela associação dos moradores da Ilha do Mel. Estes mesmos moradores se solidarizaram um com o outro, fazendo doação e escambo.



Não podemos deixar de citar que essas ações apenas amenizaram a situação, pois esses alimentos não eram entregues com frequência, apenas uma vez ao mês (enquanto o ser humano precisa se alimentar diariamente) principalmente às crianças que estão em fase de crescimento e pessoas frágeis como os idosos. Podemos apontar como insegurança alimentar, os casos de famílias que reduziram a quantidade dos alimentos consumidos nas refeições diárias e a preocupação de como se alimentariam no dia seguinte.



FOTO: CLAUDETE PEREIRA DE SOUSA

Este crescente e preocupante cenário comprova que o país necessita de políticas públicas que combatam a fome e a desigualdade social e de governantes que olhem para a necessidade da população e invistam na produção de alimentos saudáveis.

Segundo relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre o aumento da fome no mundo, publicado no site do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a insegurança alimentar moderada é um estado de incerteza sobre a capacidade de obter alimentos; o risco de pular refeições ou ver a comida acabar; forçando o indivíduo a comprometer a qualidade nutricional e/ou quantidade dos alimentos consumidos.

Mesmo com todos os impactos causados nas grandes cidades e no campo, a pandemia ainda não chegou ao fim, pois mesmo com a vacina e cuidados com a higiene, o vírus segue presente e novas ondas epidemiológicas insistem em reaparecer, deixando novamente as famílias preocupadas, principalmente no inverno quando o vírus fica mais resistente.



TURMA CHICO MENDES RETORNA À UNIVERSIDADE APÓS A PANDEMIA

FOTO: GILBERTO GUIZELIN

RETORNO À UFPR PÓS-COVID-19

Alunos do Lecampo voltam às aulas presenciais após longo período de afastamento

Aline Moreira, Tais Cristina Gonçalves de Cristo, Maria Sueli Henrique, Orail de Matos

Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China, uma onda de casos graves de pneumonia despertou a atenção e preocupação de médicos. Logo se descobriu que o surto estava sendo provocado por uma nova doença do Corona vírus, que recebeu o nome de Covid-19.

O vírus se espalhou rapidamente pelo mundo e atingiu o nível pandêmico, causando quase 700 mil óbitos no Brasil e mais de 6,8 milhões no mundo. Saúde, política e economia foram gravemente afetadas, deixando feridas que ainda não cicatrizaram.

Esse período trouxe muitas mudanças à rotina que conhecíamos. Isolamento e cuidados especiais se tornaram necessários, e visando a segurança de professores e alunos, escolas e universidades pararam suas atividades presenciais.

Os estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo tiveram que se adequar ao ensino remoto, enfrentando obstáculos como a precariedade no sinal de internet nas comunidades, a falta de recursos para adquirir ferramentas e a mudança repentina na rotina. Alguns desses fatores acarretaram em problemas mas de saúde. Muitos desenvolveram crises de ansiedade e pânico.

Com a vacinação e a retomada das atividades presenciais da Lecampo, os alunos voltaram a frequentar o campus da universidade. Apesar do medo e da incerteza, os estudantes consideraram o retorno necessário e importante. Era preciso seguir em frente, superar.

"Eu fui testada positivo e posso relatar como foi difícil ficar confinada em um apartamento, eu e minha colega com seu filho, também infectados. Tivemos muita dificuldade em relação a acesso à alimentação. Também com estar longe de casa sem recursos e sem condições de retornar para casa naquele momento."

— **Maria Sueli Henrique**, estudante da Lecampo

"Somos gratos pelo retorno a UFPR e a saúde de toda comunidade Lecampo em especial a os professores (as) pela dedicação, pois resistimos e ainda estamos resistindo a pandemia que diante disso tudo ficou o aprendizado, a esperança e a nossa fé, que dias melhores virão."



PANDEMIA E VACINAÇÃO NAS COMUNIDADES DO CAMPO

Moradores de comunidades remanescentes enfrentaram dificuldades com o Covid-19 e com o acesso à imunização contra o vírus

Cintia de Cristo Ramos, Erika Lopes dos Santos, Halana Nunes Fraga

Desde o início de 2020 convivemos com a pandemia de Covid-19, uma doença infecciosa causada pelo vírus sars cov-2. Os primeiros casos notificados foram na cidade chinesa de Wuhan, ainda no final de 2019, e a doença rapidamente se espalhou pelo mundo. Com isso, a indústria farmacêutica e centros de pesquisa de todo o planeta entraram em uma grande corrida contra o tempo para desenvolver uma forma de proteger as pessoas.

Porém, os processos que envolvem a elaboração de uma vacina são rigorosos, principalmente porque existem várias etapas de testes antes que ela chegue ao cidadão. Isso ocorre para se certificar de que a imunização é eficaz e segura, e torna todo o seu desenvolvimento mais lento, o que, muitas vezes, não combina com a urgência de uma pandemia. As pesquisas são divididas em três etapas: laboratorial, pré-clínica e clínica.

A comunidade remanescente quilombola de João Surá, localizada no município de Adrianópolis, Paraná, com aproximadamente 57 famílias, contando com os núcleos Poço Grande e Guaracuí, que se encontra há aproximadamente 56 quilômetros da sede municipal, e que faz limite com o Parque Estadual das Lauráceas, tem mais de 215 anos de cultura e resistência pelo seu território.

Diante da pandemia, as comunidades quilombolas do município se organizaram e restringiram o acesso de pessoas de fora do município, principalmente de visitas que queriam realizar pesquisas. Em João Surá, os primeiros casos confirmados preocuparam, por terem atingido pessoas com comorbidades e por conta da distância até o posto de saúde preparado para receber pacientes com covid-19.

Assim que a vacina foi disponibilizada no município,

cada representante quilombola organizou uma equipe para levantar a quantidade de pessoas e suas idades. A imunização ocorreu na seguinte ordem: receberam a dose primeiro as pessoas de 60 anos ou mais e com comorbidades, trabalhadores da saúde e população quilombola; em seguida foram os profissionais da educação, e os demais habitantes foram imunizados seguindo a ordem por faixa etária estabelecida pelo Ministério da Saúde.

No município de Iporanga, localizado em São Paulo, as vacinas foram introduzidas também por faixa etária de idade, iniciando-se pela área da saúde, quilombolas e assim por diante. Os índices de mortalidade foram baixos.

Dentro da comunidade do bairro Ribeirão, eram vacinadas em suas casas pessoas acamadas e idosas; os demais tinham que ir até a unidade de saúde básica (UBS) na cidade. Porém foram poucos os que conseguiram realizar esse trajeto, uma vez que as datas e avisos de novas doses eram compartilhados somente nas redes sociais, excluindo as pessoas que não tinham acesso à internet. Houve

também algumas ações solidárias em prol da prevenção ao vírus. A Igreja Comunidade Evangélica foi a única do município a ajudar na campanha de prevenção, fazendo doação de máscaras de tecidos a pessoas sem condições financeiras de comprar.

Em Alexandra, distrito de Paranaguá, no litoral do Paraná, foram seguidas as mesmas ordens de vacinação estabelecidas pelas Secretarias de Saúde municipal e estadual. Também foram realizadas campanhas de doações de máscaras de tecido nas escolas e nos postos de saúde, e uma grande ação de conscientização por parte da Secretaria de Educação, abordando o assunto da covid para as crianças, proporcionando algumas orientações gerais como a maneira correta de se fazer a higiene das máscaras e o uso do álcool em gel.

A aplicação da vacina foi realizada em um local diferente do habitual, na Estação Ferroviária de Paranaguá. O controle foi realizado pela Secretaria Municipal de Saúde, e 85% da população paranguara foi imunizada contra o vírus, segundo dados da própria Secretaria.



REPRODUÇÃO/GOVERNO DO PARANÁ



UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE DA TEKOÁ ARAÇA'I

FOTO: NEUZA DA SILVA

SAÚDE NA TEKOÁ INDÍGENA

Com uma UBS e vacinação contra a Covid-19, moradores da aldeia Araça'i têm acesso à saúde pública sem se afastar de suas tradições

Neuza da Silva

Em Piraquara, na região metropolitana de Curitiba, fica localizada a Tekoá (palavra Guarani que designa aldeia) Araça'i. A comunidade é muito reservada e tem aproximadamente 18 famílias da etnia Mbya Guarani. A renda da maioria das delas vem da venda de artesanato e do programa Auxílio Brasil do Governo Federal. Alguns outros moradores trabalham na escola e no posto de saúde dentro do local.

Dentro da Tekoá, os atendimentos de atenção básica à saúde são garantidos pelo Ministério da Saúde, por meio do subsistema de saúde indígena, sob coordenação da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI). Este órgão gerencia o Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI), que é a unidade gestora descentralizada do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SASISUS), responsável pelas aldeias do Estado do Paraná. A contratação de RH para atuação na aldeia é garantida por meio de convênio entre o MS/SESAI/DSEI Litoral Sul. A equipe contratada, composta por composta por médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, cirurgião den-

tista, agente indígena de saúde, agente indígena de saneamento, auxiliar de saúde bucal, entre outros, realiza atendimentos em todos os programas preconizados pelo Ministério da Saúde no que tange à atenção básica dos indígenas. O trabalho é feito respeitando a cultura indígena e a medicina tradicional e seus saberes.

Em outubro de 2016, a Prefeitura de Piraquara inaugurou, dentro da Tekoá, a nova Unidade Básica de Saúde (UBS) "Jorge Grando", para atender à população indígena local. Com a unidade em funcionamento, foi possível melhorar os atendimentos de saúde para a comunidade com profissionais técnicos de saúde da própria Tekoá. Uma vez por semana os profissionais de saúde do DSEI vão até Tekoá fazer visita e realizar atendimento que não necessita de urgência. A visita do médico também é realizada ao menos uma vez por semana, e casos que requerem urgência são atendidos nas UPAS da cidade de Piraquara.

A unidade oferece atendimento diário com técnica de enfermagem, um agente comunitário e o motorista, todos residentes da própria Tekoá. Durante a semana, a Secretaria Especial de Saúde Indígena disponibiliza atendimento médico, odontológico e enfermeiros para realizar o atendimento completo. Mesmo com a chegada da UBS, a comunidade não deixou de lado suas tradições. Alguns partos ainda ocorrem de forma tradicional através da parteira dona Natalina da Silva.

Há treze anos trabalhando como enfermeira no posto, a senhora Sueli de Oliveira diz que, apesar das falhas na saúde indígena, unidade de saúde na comunidade foi um acerto. Segundo ela, o atendimento é diferenciado e busca respeitar as tradições locais.

VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19

Diante da pandemia da Covid-19 no mundo e no Brasil, a situação de vulnerabilidade atingiu a Tekoá. O primeiro a procurar uma unidade de saúde com sintomas da doença foi o cacique Laercio da Silva.

Depois dele, quatro homens, oito mulheres, um adolescente de 15 anos e quatro crianças também foram diagnosticadas com o novo coronavírus. Assim como no resto do país, a vacina também era muito esperada na aldeia. Em 21 de janeiro de 2021, os indígenas da Araça'l receberam a primeira dose do imunizante CoronaVac, do Instituto Butantã. Em um primeiro momento, a vacinação foi destinada aos maiores de 18 anos, para o grupo prioritário de anciãos, índios com doenças respiratórias e/ou com comorbidades.

O primeiro a tomar a vacina foi justamente o Cacique Laercio da Silva, como forma de encorajamento dos demais indígenas. Em entrevista ao jornal Band Cidade, ele explicou como os indígenas estão inseridos na sociedade e destacou a importância da imunização. Em seu depoimento, também ressaltou a felicidade por ser o primeiro a receber o imunizante na Tekoá e pelo fato de a comunidade estar finalmente recebendo a vacina. A representatividade do Cacique encorajou outros membros a se imunizarem.



CASAS NA TEKÓÁ ARAÇA'I

FOTO: NEUZA DA SILVA

DEFINIÇÃO DE COMUNIDADES TRADICIONAIS

Comunidades tradicionais são, além de grupos culturais, formas de identidade social e política

Vaniely dos Anjos França Dias, Rosieli Alves de Aguiar, Ivani Florindo da Silva, Silnei Florindo da Silva, Loami Katarine, Misael Henrique Rodrigues dos Santos, Karla Nayane de Souza Pereira, Jonas Joaquim Ursulino

As comunidades tradicionais existem em todas as regiões do Brasil e são “amparadas” por leis e tratados nacionais e internacionais. O Decreto n. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, as define como “grupos culturalmente diferenciados que se reconhecem como tais”, com formas próprias de organização, que usam territórios e recursos naturais e utilizam conhecimentos transmitidos pela tradição.

No entanto, as comunidades tiveram a necessidade de se organizarem em coletivos, como associações, fóruns e comissões, pois todas essas leis descritas, na maioria das vezes, não respaldam elas como deveriam, tornando frágil os seus direitos, que tem que ser validado dia a dia. Sobretudo, ainda é uma luta constante para que as comunidades possam viver e cultivar sua cultura, sendo muitos os interesses em seus territórios. Baseado nisso, o Dicionário da Educação do Campo expande a definição para além de categoria de análise, e enquadra estes grupos como uma forma de identidade social e política.

O auto reconhecimento é importante para definir as comunidades tradicionais. Entretanto, na prática, é preciso saber que o reconhecimento público à diversidade cultural permite que grupos previamente desprovidos de certos direitos (os territoriais, por exemplo) os obtenham, enquanto outros grupos, que também reivindicam tais direitos - mas que não se enquadram nas categorias politicamente criadas - não são capazes de tê-los reconhecidos. As questões territoriais têm o poder de definir grupos, algumas comunidades mesmo se manifestando culturalmente



FOTOS: VANIELY DOS ANJOS FRANÇA DIAS, REDE DE COMUNICADORES DO FÓRUM DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS E KARLA NAYANE DE SOUZA PEREIRA

DEFINIÇÃO DE COMUNIDADES TRADICIONAIS

de forma plena e se relacionando de maneira estreita com a natureza, não conseguem estas identificações por estarem fora de um território definido (como área de parque público ou em áreas de conservação) e com isso acabam se tornando comunidades invisíveis perante aos olhos dos gestores públicos, criando assim privações de direitos e até conflitos.

A convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) garante às comunidades quilombolas o direito à consulta livre, prévia e informada. Sempre que existir medidas ou atos que venham afetar direta ou indiretamente os seus territórios, é dever do Estado realizar consultas públicas com a comunidade diretamente afetada, no entanto esse direito é historicamente violado.

Neste aspecto, podemos apontar questões relacionadas ao racismo ambiental, que se manifestam principalmente contra as comunidades tradicionais, por serem as maiores guardiãs da natureza. Por esses e outros motivos, algumas comunidades tradicionais não se declaram totalmente como tradicionais. Um exemplo disso ocorre com algumas comunidades quilombolas que “perderam a chance” de receber o título de seu território, pelo fato de não ter real entendimento do que é um registro de comunidade quilombola, temendo que o reconhecimento pelo Estado viesse a afetar a forma de vida.

Tudo isso leva à conclusão de que não existe um único aspecto que leva à definição de um povo tradicional, e sim um conjunto complexo de fatores que compõem estas comunidades. Entre eles, podem ser citados o auto reconhecimento dos moradores, para que possam aceitar e valorizar suas origens e repassar conhecimentos tradicionais; o engajamento nas lutas, que tem um papel e na construção coletiva do grupo e na luta por direitos e reconhecimento perante a sociedade e o Estado; e a regularização fundiária, para que tenham o seu território regularizado, direito que por muito tempo lhes foi negado.



FOTOS: SILNEI FLORINDO E REDE DE COMUNICADORES DO FÓRUM DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS

ECONOMIA E CULTURA NO VALE DO RIBEIRA

Os desafios atuais para o desenvolvimento econômico e social da região sul do estado de São Paulo

Karine Rodrigues Mota, Mayara Borges, Milene Cristina Costa Vale

A região do Vale do Ribeira paulista possui diversas peculiaridades em relação ao desenvolvimento econômico local. Nesse território temos um grande número de comunidades tradicionais, caboclas, quilombolas, caiçaras e camponesas que dependem do desenvolvimento de atividades autônomas, como o turismo e a agropecuária.

IPORANGA

No município de Iporanga, a maior parte da população depende do turismo para garantir sua fonte de renda. Alguns são autônomos e outros funcionários de agências turísticas.

Em 1960, a prefeitura municipal de Iporanga iniciou atividades turísticas, designando funcionários públicos para trabalharem no núcleo Santana, do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR) como guias de turismo, o serviço prestado por eles era gratuito. Além disso, a estrada que liga a Rodovia SP 165 foi ligada ao complexo de cavernas do núcleo Santana, facilitando o fluxo e o acesso de carros. Em 1980 foi criada pela Secretaria do Meio Ambiente uma portaria onde se cobravam ingressos para visitação do núcleo. Atualmente, os guias turísticos trabalham de forma autônoma ou para agências particulares de turismo local. Há a prática de diversos esportes radicais, como boia cross, rafting, trilhas para cachoeiras e rapel.

Em 2019 foi anunciada a concessão do uso e exploração do Petar, pelo então governador do estado de São Paulo, João Dória. A concessão é parte dos projetos que integram o programa "Vale do Futuro", que se justifica em desenvolver econômica e socialmente a região do Vale do Ribeira. No entanto,



CENTRO HISTÓRICO DE IPORANGA, CAVERNA DO COUTO E FEIRA DA FLORESTA
FOTOS: PREFEITURA DE IPORANGA E SILNEI FLORINDO

em 2021 a Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente publicou o edital inicial para consulta pública, através de meios de comunicação que não são facilmente acessíveis pela comunidade local. Além da falta de estudos técnicos sobre os impactos desta concessão, a falta de consulta das comunidades que serão, de fato, atingidas por esta ação demonstra a controvérsia do projeto.

Ainda em 2021, alguns moradores se juntaram e organizaram uma feira comunitária, com o intuito de ampliar as possibilidades de fontes de renda com a venda e exposição de artesanatos, comidas locais, bebidas, doces, etc. No início eram quatro feirantes, e ao longo do tempo outros moradores de municípios diferentes se interessaram em participar. Até a metade do ano de 2022 a feira chegou a ter 18 feirantes incluindo músicos, circos itinerantes e tatuadores. A feira se tornou um ponto de encontro e partilha de conhecimentos, economia criativa e solidária, e principalmente cultura. Ela chegou ao fim em 2023, após conflitos internos que causaram desunião. Alguns integrantes passaram a comercializar seus produtos em outros locais.

A maior parte da agricultura realizada no bairro da Serra tem caráter de subsistência. Apenas o cultivo de palmito pupunha tem foco econômico, assim, esse produto não representa a base da renda das famílias.

REGISTRO

O município de Registro possui a maior população demográfica da região do Vale do Ribeira, e é considerado a “capital” do Vale por sua localização geográfica central e pelo direto acesso à rodovia Régis Bittencourt. Ainda que na região seja a cidade

com o maior centro urbano, a maior parte da população está localizada nas áreas rurais e desenvolve atividades agropecuárias como fonte de renda.

Trata-se de uma área com amplas propriedades rurais em estado avançado de regeneração florestal, e algumas propriedades familiares. A principal atividade agrícola é o cultivo de palmito pupunha e a criação de vacas e bois para corte.

Pode-se observar as consequências de médio prazo geradas pela falta de oportunidades de trabalho e desenvolvimento econômico no campo nas últimas décadas. A região hoje conhecida como Rota do Chá, foi marcada pela produção de *Camelia sinensis* var. *assamica* (chá verde, branco e preto) nas décadas de 1930 e 1940, voltada para exportação. Nessa época, a produção do chá superou todos os outros cultivos locais, e se tornou a atividade agrícola mais comum e responsável por atrair e empregar diversas famílias nas áreas rurais

No entanto, na década de 1990 alguns fatores contribuíram para o fim da produção de chá na região voltada à exportação. Por ser um cultivo com alta demanda de mão de obra em todas as etapas, os elevados custos com encargos sociais trabalhistas, somados a uma dificuldade de competição no mercado externo, novas legislações de proteção ambiental da mata atlântica, e a implementação do Plano Real foram decisivos para inviabilizar a continuidade da produção de chá na região.

As famílias que trabalhavam nas plantações de chá deixaram o território, pois as propriedades pertenciam aos donos das fazendas, a maior parte





CIDADE DE REGISTRO-SP

dessas propriedades foram abandonadas pelos donos, e muitos retornaram ao Japão. Algumas propriedades foram vendidas, e a produção de banana, hortaliças e a criação de gado se tornaram as atividades mais comuns no bairro desde então.

Em 2008 foi incluído no Plano Diretor Municipal, na seção II no Plano Estratégico do Desenvolvimento Econômico, a incrementação do turismo rural e atividades complementares a ele. De lá pra cá, as ações nesse sentido de fato se ampliaram, no entanto ainda estão muito limitadas à exploração turística referente à cultura japonesa local, não incluindo e beneficiando as comunidades tradicionais existentes (e persistentes) na região.

Os desafios enfrentados pelos povos campestres, as-

sim como as oportunidades encontradas, são determinantes para a permanência das gerações seguintes no território. Além disso, políticas públicas voltadas para a agricultura familiar são de extrema importância para possibilitar o investimento em infraestrutura, assim como para garantir formas de comercialização com pagamentos justos, como por exemplo o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Os desafios relacionados ao desenvolvimento econômico da comunidade do bairro Areias, assim como de tantas outras comunidades rurais, precisam ser vistos em sua complexidade, pois as soluções possíveis para serem efetivadas requerem além de ideias, constância, incentivo público e suporte técnico.



IDENTIDADE ÉTNICA E CULTURAL

As manifestações culturais nos territórios tradicionais e nos movimentos sociais

Allan Alves Carneiro, Cleiton do Prado Carneiro, Ezequiel Ferras de Campos, Janeina Kroger, Vanessa Honorato

Por todo o território nacional existem diversas manifestações culturais que estão estritamente vinculadas a seus territórios, seus modos de vida e suas interrelações com o ambiente, de forma a não ter como separar os sujeitos do campo de seus respectivos territórios, o que lhes confere identidade própria e que os caracteriza como únicos em cada localidade. A valorização dessas culturas é de grande importância, tendo como objetivo fortalecer a relação dos indivíduos com seus territórios. É o caso do território caiçara, que abrange desde o litoral sul do estado do Rio de Janeiro até o litoral norte do estado do Paraná.

O fandango é uma manifestação cultural que está relacionada ao modo de vida das comunidades caiçaras, que agrega dança, música, divertimento, religiosidade, saberes e fazeres. Sua prática se relaciona ao trabalho coletivo como nas puxadas de

rede, em mutirões de roças e de varação de canoa.

Além dos mutirões, o fandango caiçara está presente em várias festas religiosas, casamentos, batizados, aniversários e no carnaval. Nos bailes de fandango é costume as trocas e diálogos entre as gerações, lembrando as coreografias, as modas (as músicas) e os passos, facilitando a memória e prática das danças, o que garante a troca de conhecimento entre gerações.

As modas são executadas por instrumentos artesanais como a viola, a rabeca, a caixa e o adufo e se classificam em batido (acompanhadas por tamancos) e bailado ou valsado esses dançados em pares por homens e mulheres, com coreografias específicas que se diferenciam pelos versos e toques característicos de cada região. Os bailes aconteciam antigamente após um dia de mutirão onde toda a comunidade se

IDENTIDADE ÉTNICA E CULTURAL

envolvia, onde trabalhavam o dia todo se necessário e ao final do dia o caiçara beneficiado oferecia, além da alimentação, diversão até o amanhecer.

A sobreposição das comunidades imposta pelas Unidades de Conservação resultou em restrições, impedindo as roças, o manejo das madeiras, diminuindo os mutirões, o feitio de canoas e afetando diretamente o modo de vida dos caiçaras. No entanto, o fandango continuou presente acontecendo em outras festas como as religiosas, por exemplo.

Quando as comunidades tradicionais caiçaras da Juréia, no município de Iguape, foram sobrepostas pela Estação Ecológica Juréia Itatins (EEJI), que não permite presença humana, as recorrentes proibições do modo de vida pressionaram as famílias a irem para as periferias ao redor das comunidades da Juréia, e assim o fandango tornou-se um modo de resistência dos caiçaras, que foram expulsos do seu território. Após alguns anos as comunidades criaram uma organização sem fins lucrativos, a Associação dos Jovens da Juréia (AJJ), com intuito de resgate e manutenção da cultura, e de luta para garantir os direitos e geração de renda para as famílias que foram expulsas do território.

Então decidiram criar um grupo de fandango, por vol-

ta do ano de 1995, para realizar apresentações. O grupo se apresenta em todo o território caiçara, em vários eventos como Revelando São Paulo, grande festival de cultura tradicional e de economia criativa paulista, além de aniversários municipais, festas tradicionais, circuito nacional de festas do fandango caiçara, a virada cultural SP, entre outras.

Em 2011, após muita luta das comunidades caiçaras em parceria com as universidades, o Fandango foi reconhecido como patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por suas características particulares das culturas que colonizaram as regiões do litoral sul paulista e paranaense. Esse reconhecimento para salvaguardar o fandango foi uma grande conquista para as comunidades caiçaras do Brasil, sendo de grande importância para manter a cultura viva. As atividades culturais fazem parte da história de um povo e podem contar uma parte de suas crenças, suas festas e seus costumes.

Isso não é diferente na região de Guaraqueçaba, onde há várias representações culturais. As comunidades têm como costume muito forte realizar encontros e festas ligadas às suas práticas, a exemplo da festa do caranguejo, do camarão, de padroeiros das comunidades e os encontros de fan-



APRESENTAÇÃO DA AJJ NO ENCONTRO DE FANDANGUEIROS

FOTO: ACERVO

dango, batalha de versos e corridas de canoa.

Os eventos relacionados à cultura popular apresentam os hábitos e atividades culturais das comunidades do território. Nesses encontros são realizadas atividades e oficinas que são repassadas por mestres e mestras tradicionais, envolvendo dança, música e muitas histórias sobre a vivência do povo mais antigo. Há também a farinha de mandioca que é produzida e comercializada pelas famílias caiçaras, algo que faz parte da história de Guaraqueçaba. Já no quesito das bebidas produzidas na cidade, pode-se citar a Cataia e a Mãe Ca Filha, que têm uma forte ligação com os bailes de fandango.

Pode-se notar como o povo caiçara tem forte relação com a terra e com a água e o que ela oferece, tanto a mandioca sendo plantada e beneficiada, quanto as bebidas típicas, a pesca artesanal, a extração do caranguejo, entre outros.

Já o Assentamento do Movimento Sem Terra (MST), Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) Professor Luiz David Macedo, no município de Apiaí, que se localiza no Vale do Ribeira no estado de São Paulo, era uma fazenda improdutivo e foi ocupada por 80 famílias de camponeses de diferentes territórios, no ano de 2004 e hoje apresenta uma identidade própria. O assentamento é marcado pela resistência por não ceder ao modelo de agricultura implantado na região pelo agronegócio, principalmente pinus e insumos químicos. Nesse sentido, as famílias assentadas cuidam da biodiversidade, do bioma e produzem alimentos saudáveis. Buscando a manutenção da sua existência e autonomia mediante as afrontas do sistema, mesmo estando inseridos nessa realidade, no assentamento há diversas manifestações culturais, voltadas à agricultura agroecológica. Dentre elas, a principal que acontece desde 2004, na semana do dia 12 de Outubro, são os encontros do MST, os quais contam com reuniões da associação, torneios de futebol da juventude, cavalgadas, visitas do Divino e confraternizações da comunidade.

No território de Tijucas do Sul, no estado do Paraná,

as manifestações culturais se caracterizam por suas festas tradicionais que foram trazidas pelos primeiros habitantes, com forte influência da religião católica, como as festas de igreja nas comunidades, caracterizando-se por cavalgadas, bailes e churrascadas. As mais tradicionais são: a Festa do motoqueiros na Igreja Matriz, a Festa do Divino Espírito Santo na Comunidade do Campo Alto, a Festa do Divino Espírito Santo na Comunidade de Flores e a Procissão do Senhor Morto em toda Sexta-feira Santa. Das festas populares destacam-se a Femuspop (Festa Municipal de Música Popular), a qual revelou diversos talentos que formam conjuntos e bandas locais onde diversos habitantes concorrem em várias categorias. Também tem a festa do agricultor, na qual diversos segmentos da produção agrícola são representados, dentre eles: os agricultores convencionais, agroecólogos, e agricultores familiares os quais têm a oportunidade de exporem seus trabalhos e produtos. Tem também a Caminhada da Natureza, realizada todos os anos no mês de fevereiro, na qual há participação de um grande público em que também o mercado local realiza uma feira de produtos orgânicos.

Diante dessas diversas manifestações culturais e de trabalho, é de grande importância preservar e dar continuidade às manifestações culturais, para que não virem somente lendas e/ou contos folclóricos.

“Temos que incentivar sempre mais momentos, atividades ditas culturais, para que o povo tenha contato com coisas que muitas vezes não sabe de si mesmo, saber que avô era pescador, que o tio era violeiro, ou do tamanco, que a avó era farinha, são atividades incríveis que tem que ser zeladas com todo carinho, repassando o conhecimento, tendo base para a prática e valorização.”

— **Guilherme Diéguez**, estudante remanescente da Lecampo, turma sementes nativas.

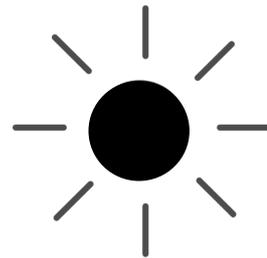
Ademão

Cleiton do Prado Carneiro

Vai pra capôira,
Faz o aceiro
Roça o mato
O cipoeiro
Chama o compadre
Pra derrubá
Pega o machado
Pra encará
a tabucuva
O tapiá
Cadê a foice
Pra desgalhá
Agora sim,
Só esperá
que a folhagem
já vai secá
Só largá fogo
que vai queimá
E logo logo
Coivareá
Tem ajuntório
Vamo plantá
Força na enxada
Vamo cavá
enquanto a rama
tem que cortá
pega os tôpo,
Enche o jacá
Em meio às cóvas
Vai sameá
Planta nas cóvas
De lá, de cá
Tem que sabê
Como fincá
Serve o café
Pra nós tomá
beijú, pixé,
Aipí, cará
Agora sim
Só descansá.
Tarde comadre
inté amanhã!!!
Se percisá
é só chamá
temo mandioca,
Vamo arrancá

Já arranquêmo
Farta raspá
Põe na gamela
Pra nós lavá
Já tá lavado
É só relá
Já tem postura
Quem vai cevá?
Guarda a goma
Pra misturá,
fazê beijú
Pra ingomá
Punhe a massa
Sem espalhá
No tipiti
Pra impressá
Pedra no burro,
vamo lenhá
Daqui a pouco
Vamo vortá
Pra massa seca,
Nóis forneá
Pegue a peneira,
Tem que coá
Tirá o farelo
E afiná
Pegue co'a cuia
Pode jogá,
no forno quente
Chega estourá
Vovó Nancyr
Vai no o apá
Faça a jivuca
Desembolá
Agora sim
Dá pra misturá
Na massa fria
pode botá
Pra a quentura
Podê quebrá
Tá quase pronto
Vá lá chamá
Vovô Onésio
Pra vir tirá
Lenha do forno
Só pra amorná

Porque a farinha
pode queimá.
Jogue o beijú
Pra morde assá
Outro café
Vamo tomá.
Mudando de assunto,
vamo pescá?



Bença, Vó!

Cleiton do Prado Carneiro

Vó...

...onde você tá, vó?
Tô me sentindo tão só!!

Que o peito chega dar nó
Quando me aperta a saudade
Porque se foi a metade
De um bem tão precioso...

Se foi o abraço gostoso
De quando a gente te via.
É que nessa poesia
Não consigo descrever
O que pra mim você é!
Mas eu tenho muita fé
Pois você é a luz divina

E sei que aí de cima,
está cuidando de nós
Até ouço sua voz
Ralhando com a criançada,
Nos fazendo dar risada,
Nos ensinando rezar.

Você sabia cuidar
De seus filhos de seus netos
Com carinho, com afeto,
E muita satisfação.

Como agora vou chegar,
e entrar na sua casinha.
E ver que ali na cozinha
Não tem mais você, vovó.

E ver o meu avô tão só, sentado
ao pé do fogão, olhando a água
ferver.
Sabe... Não quero nem ver...

E como fica o peito véio desse
seu neto bobão?
Que parece não ter coração ,
Mas não pode ver um cantinho
E fica escondidinho
E se faz sofrer sozinho
Para não passar fraqueza

E só tenho uma certeza,
Esse coração aqui
Sente tanta saudade de ti
Que não cabe nesse peito ,
Nem to enxergando direito ,

E de tão triste que tô
O meu pranto já molhou esse
papel inteirinho .
Mas saiba que aqui embaixo
Nossa luta continua

E agora é pela honra sua,
E haja o que houver
Que venha o que vier ,
Lutaremos com coragem
Porque na nossa bagagem
Tem todo o seu legado

E nas veias, sangue de Prado
E tenha a maior certeza
É de nossa natureza
A vontade de viver,
E teremos o prazer
de cuidar de quem ficou

E passar como um trator por cima
de todo o mal
que o povo opressor ainda nos
quer fazer !!!

E é com muito carinho que
Em nome de todos os netos
Te faço essa homenagem
Que fique vossa mensagem de
força e esperança,

Porque essa é a herança
Que você pra nós deixou.
Que a benção de nosso senhor,
lhe acompanhe eternamente!

Não sabem o quão triste
foi
escrever essa poesia,
Queria ter a alegria de poder

falar com ela,
Seria a coisa mais bela
Ver ela fazer café,
E as vezes um cafuné,
Aquele que só avó faz.
Por que só ela é capaz...
...de ser mãe duas vezes!!!

Bença vó!!!

"Homenagem à nossa avó
querida, Nancy Prado."



Tapéra Caiçara I

Cleiton do Prado Carneiro

Nosso povo caiçara
Luta pela permanência.
Em nossas comunidades,
Somos pura resistência!

A mistura de etnias,
E nosso modo de viver
Fizeram do nosso povo
Fonte de muito saber.

E estão do mesmo lado
Indígenas, quilombolas,
Caboclos, negros, caiçaras,
Guerreiros da nossa história.

Desgoverno, lei sem lei
Gente má, sem coração
Tem nas mãos todo o poder...
Mas temos a tradição!

O estado não tem força.
O guarda não tem poder.
Os povos sim, tem coragem!
Lutamos até morrer!

As armas de nossa luta,
são vozes, são as violas
É a reza, são os gritos
do povo que vem de fora!

Cantos, cânticos, cantigas.
Versos, lendas, ladainhas.
Contos e histórias antigas.
Marcas , puxadas, modinhas.

Temos a nossa cultura,
nosso modo de plantar.
O fandango caiçara.
Nosso chão, nosso lugar

Somos da mata, do mar,
Dos rios e manguezais
Nascemos entre costões, trilhas, combros, palmitais.

Vivemos do que plantamos, da coivara, da tigüera.
Cuidamos do que plantaram

Na capôira, na Tapera

Somos todos irmandade
Lutamos pela mãe terra
Pela nossa identidade
Estamos hoje em guerra

Venha luta, pode vir!
Que venha mas com cuidado!
Caiçara come luta!
No pixé do escardado!

Fazemos pirão de luta
Bebemos luta curtida
Temos luta no fumeiro
Virando nossa comida!

Somos luta, temos garra,
Levanto a mão e repito.
Resistência caiçara!!!!
Ordena o nosso grito!!!

Resistência caiçara quando???
JÁÁÁÁ!!!!

Resistência caiçara quando???
JÁÁÁÁ!!!!

Resistência caiçara quando???
JÁÁÁÁ!!!!



Tapéra Caiçara II

Cleiton do Prado Carneiro

Tá, Péra ... Deixa eu ver se me lembro ...
Chegamos nessa tapera, acho que era setembro

Minha vó nos disse pra se apreatá
Porque muita visage tomava conta de lá

Piava um suncim no lado da cachoeira
Não gosto desse danhisco,
Uma ave goradeira.

Mas nós fomos apegados com nossos sete anjos
Todos eles liderados por São Miguel Arcanjo

Fizemos nossas casinhas
Simples, mas de muita beleza
Procuramos não mexer em nada da natureza

Pois ali já tinha abacate,
Um pezinho de jaqueira
Jissara, guavirotaia, fragalha , uma goiabeira.

Era o lugar que morava
A minha tataravó
Ela tinha inté plantado um pézinho de abricó.

Mas o estado não quer
Nem saber da nossa história
Nem conhecem os costumes que guardamos na
memória,

E repassamos aos filhos, sobrinhos e aos afilhados,
Aos netos e a quem quiser levar como aprendizado.

Derrubaram nossas casas , nos chamaram de
infratores.

Eles são donos de tudo,
Nós que somos invasores

Acabam com nossos lares
E somos destruidores
Ignorando cultura, expulsam os moradores,

Acho que não tem no mundo
Momento mais assombroso
Do que ver um guarda parque
Se achando vitorioso

Pegar uma motosserra
Cortar uma casa ao meio ,
Serrando porta , janela , travessa, parede, esteio ..

Triste o tucano cantava , lá no pé do jarová
Parecia que chorava ao ver a casa se deitá.

No chão daquela tapera que tanta gente morou
E que o estado opressor nossa casa derrubou

Cadê nossa identidade?
Onde está nossa história
E a ancestralidade???
Quando teremos vitória??

Continuamos lutando , enquanto houver território
Enquanto existir caiçara,
Estamos em ajuntório

Para enfrentar opressor
Lutar por nossos direitos
E fazer valer a lei
Erguer o que foi desfeito.

Cada casa derrubada
É um degrau construído
Nos deixa um pouco mais alto
Nós faz menos oprimidos

E uma casa assegurada é uma família feliz .
Casa pra tocar fandango
Perpetuar a raiz

É onde se faz balaio,
O cesto, o tipiti
Onde se vê o cisqueiro se tornando sambaqui

Com a concha de marisco ,
Escama de Parati
Mutacanga de robalo e ventrecha de mandi.

Aqui eu sinto a presença dos nossos antepassados.
Onde fico protegido, ungido, abençoado .

É onde a tapera vive
É onde vive a coivara
É onde brinca feliz
O filho do caiçara

Balaio da Tapéra

Cleiton do Prado Carneiro

Vamo gente!
Chega mais!
Olha o cesto de taquara!
A banana verdolenga
da Tapera do caiçara

Tem pegoava, peixe seco
Tem marisco enfiado
Feito no tupê do fogo
Com gostinho defumado

Olhe a farinha manema!
O beijú de manapança
Farinha branca torrada
Aproveitem, 'sriança!

Venham!
Tem bolo de roda.
Tem bolinho de aipim
Tem cacho de brejauva
Tudo de lã de onde eu vim.

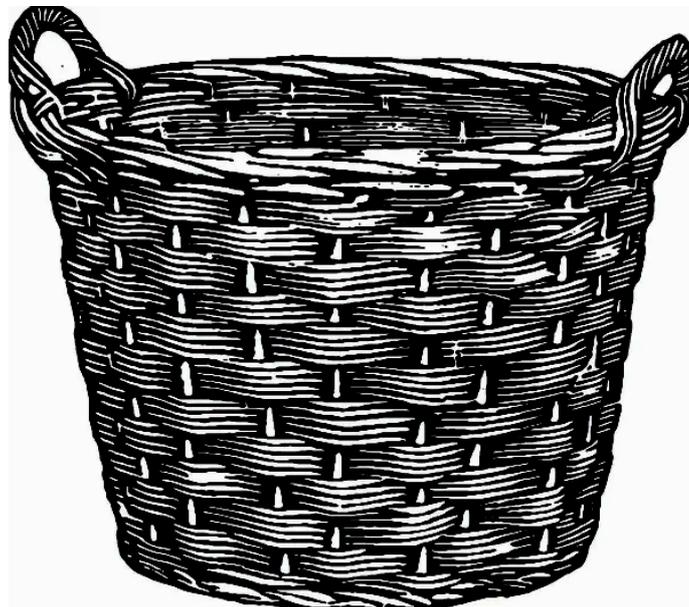
Olha a melancia branca
O nhundiá bem fresquinho
Indaiá, vacupari
Que eu colhi no caminho!

Ói o remo a Canoinha
Tudo foi feito por nós
Quem ensinou foi nossos pais
Que aprenderam com os avós...

Se aproximem mais pra perto
Venham tomar um café
Que fiz hoje bem cedinho
E trouxe no meu farné

Já tá acabando, aproveitem!
Só tem cará e banana,
A paçoca de Indaiá, só vamos ter pra semana

Vai ter taiá e inhame,
Vou tirar lá na tigüera,
Ovo de galinha polaca
Engordado na quirera
Vai ter tudo bem fresquinho
No BALAIO DA TAPÉRA.



Reclusão, Reinclusão

Cleiton do Prado Carneiro

Em tempos de pandemia
Como não temos saída
Trabalhamos noite e dia
Levamos a assim a vida
Construímos nossa casa
Produzimos a comida.
Mas fazemos tudo "à meia"
Pra sempre ser dividida.

Como estamos isolados, longe da grande cidade
Sabemos nos proteger
Pois temos necessidade
E trabalhamos unidos em nossa comunidade
Ajudando um ao outro
Praticando caridade

Temos roça no banhado
E a horta no terreiro
Pegamos peixe fresquinho
Usamos nosso tempero
Temos ovos sem veneno
Lá no nosso galinheiro

Caiçara vive, luta, caça, pesca faz fandango
Luta pelo território
Tá sempre se reinventando
Se não tem canoa, faz
Com seu inchó, cavocando
A viola ele constrói, daqui a pouco tá tocando .
Faz rede, cóvo, faz cerco ... E a família
alimentando...

Vamos caiçaras, vamos
Resistir com alegria
Não arredemos o pé
Porque vai chegar o dia
Que o mundo vai dizer
"ACABOU A PANDEMIA"
E vamos dançar fandango até amanhecer o dia ...
[28/08/2022 23:39] ALLANZINHO: A minha
comunidade
Tá ficando só uma tapera

O pessoal indo embora
A roça virando tiguera
A lei não quer respeitar

Quem é o dono da terra
Nem o pobre pescador
Pode pôr rede de espera.

Enquanto as embarcações
Da pesca industrial
Vem na arrebentação
Onde eu pesco de anzol
Passam a rede de arrasto
Sabendo que é ilegal
O morador é quem paga
Com a lei ambiental.

Não podemos nem pescá
Na reponta da maré
Não tenho mais gerival
Não passo mais picaré
A lei proíbe o que é certo
O errado certo é
A lei não é mais legal
Mas nós temos que ter fé .

Minha roça tá só mato
Porque gente desanima
O estado não nos ampara
Porém só nos incrimina..
Coitado do meu avô
Que desde o tempo da usina
Sofre com o guarda entrando
Dentro de sua cozinha
Abrindo a sua panela
Pra ver o que dentro tinha

Ainda dizem que todos
Temos direitos iguais
Mas o rico pode tudo
E o pobre nem pode ter paz
A lei é feita pra poucos
Só para quem pode mais
O estado da terra pra rico
E prende os tradicionais.

Canoa

Cleiton do Prado Carneiro

Derruba o guapiruvu
Vê se ela não tá oca
começa fazer o corte
Tira tampão da boca,

Mede o meio, risca o bojo
Vai lavrando com Machado
Bate a linha risca a borda
Faz o mesmo do outro lado

Desenha a popa e proa
Corta pra deixar no jeito
Faz a frente levantada
Para cortar onda direito.

Deixa o lugar pro mastro
E começa a cavocar
No Machado, no inchó
Talhando bem devagar

Faz o vinco lá da proa,
A popa faz caprichado
Vira o corte de fundo
Vai talhando o dergado

Traz a canoa pro mundo,
faz patilha e
bate a linha
Deixa o fundo bem aberto pra cortar a marolinha.

Joga a canoa no rio
Pega o remo de Guacá
Dá uma volta
E inborca,
Pra canoa batizá

Tira a canoa do fundo,
Puxa ela pro barranco
Pra madeira trabalhar,
corta a borda, põe o banco

Depois da canoa seca,
Faz verdugo e
Sobreborda,
O reforço da patilha
E fura pra por a corda

Que bonita que ficô
Coisa mais bom pra remá
tá pronta pra por a rede
Vamo simbóra
Pescá!



Caiçara que Luta

Cleiton do Prado Carneiro

Muitos anos de batalha
Contra tanta truculência
Pedindo ajuda ao estado,
E a resposta é violência.
O trabalho é cansativo, mas sempre com paciência.

O povo que vê de fora
Tão lindo, tanta beleza,
A Juréia, o Rio verde
Grajauna... que riqueza
Não enxerga o caiçara que vive na natureza.

Talvez por ignorância, muitas vezes é possível
Não entendem o caiçara
E o tornam invisível,
Por não aceitar seus preceitos.
Atitude desprezível

Resistimos até hoje
Humildes, sem muito estudo
Mas com muita fé e força
Para suportar isso tudo
Nossa história é a espada
E nosso peito o escudo...

O estado não reconhece
Nossa ancestralidade
Contrariando estudos
Das grandes autoridades.
Desmerecendo trabalhos
Não aceitando a verdade.

Pesquisas onde se uniram Caiçara, universidades,
Para provar aos governantes
Nossa autenticidade
E pedir que reconheçam
As nossas comunidades.

Quem acha que a natureza
Sem o caiçara é mais bela
Deve mudar seus conceitos
Pois fazemos parte dela.
Somos um pingo de tinta nessa imensa aquarela.

Vivemos do mar, da mata...
Nosso saber é notório

Sempre fomos guardiões
Desse imenso território
Terra nossa, de direito, que nos foi roubada em
cartório.

Terra que um dia foi dada
Para nossa sobrevivência
Mas várias vezes roubada
Na mais pura indecência.
Foi grilagem, invasão,
Enganação, violência.

Caiçara quer ter paz
Para passar rede na praia,
tirar marisco nas pedras,
lancear no japoia...
Fazer covão, armar rede,
não quer viver de migalhas

Cadê os nossos direitos
Que sempre dizem que temos
Cadê as leis que nos amparam
Será que nunca vencemos?
Vem governo, sai governo
E quem lutam são os mesmos

Os mesmos que tem coragem
Que permanecem
Na terra
Até quando pela paz,
Teremos que fazer guerra??
E sonhamos com o dia
Que essa luta se encerra...

Será em nossa existência
O melhor, mais lindo dia
E em nosso território
Terá enfim alegria
E a cultura Caiçara
Reinará em harmonia.

Em Romaria

Cleiton do Prado Carneiro

Dia desses, me lembrando,
Lá de uns tempos atrás
Uns quinze pra vinte anos
Nem sei quanto tempo faz

Saíamos madrugada
Em quatro, cinco famílias
Com motor, barco, mochila
Para seguirmos a trilha.

Era sempre com mal tempo
Passávamos estiva, faxinado...
Para chegarmos felizes, lá no porto do prelado

Onde tinha que esperar quase o dia inteiro pra
continuar a viagem, às vezes por derradeiro

Mais uma hora de Rio
Entre curva, estirão
Com fome, passando frio
Pra cumprir a obrigação

Chegar e ver a plaquinha, na barra da cachoeira
E subir com a maré baixa, remando a voadeira

E ver a família no porto, ver a casa de pradel
Dar bença pra tio Joaquim
E ir rezar pra São Miguel

Sentava ao pé do fogo
Para esquentar as mãos
Vovô sátiro feliz
Vinha nos dar a benção

"Ôôôh, meu filho"... Ele dizia,
"Não seque a rôpa no corpo...
Vá tomá um café quente... tem reza daqui a pôco"

Tomava um caféquentinho
com pixé e peixe assado
Se lavava na cachoeira
Pra ficar bem arrumado
Para ver uma praiana
Que ainda não tinha chegado

A noite escutava a reza

Acompanhava a arvorada
Sortava uns três foguete
Pra avisar a turmarada

Começava o passadinho
E a gente se divertia
Nem cansado a gente estava
Da viagem que fazia...

Cantava , fazia verso
Dançava, tirava sarro
Roubava doce escondido, dentro do pote de barro.

Esses dias
Deu saudade
Muitas saudades de lá
Pegamos de novo a trilha
São Miguel fui visitar

Mainga, cheguei no porto.
Comi arroz com café.
Um pedaço de traíra que tava ali no farné...

Desvaramos o barco
E seguimos rio abaixo
Tinha um pé de vaporunga paramos, pegar uns cacho

E foi chegando as lembranças, batendo recordação.
Lembrei da barra do engenho,
do porto do ribeirão,

Do morro do Araújo, aguapeú e forquilha,
Vinha na minha lembrança cada porto, cada trilha.

E chegamos novamente na barra da cachoeira
Tudo mudado, sem placa
Sem ronco de voadeira..
O mato tomando conta
Não vejo as casas na beira.

Cadê a canoa a motor
Onde é o porto de pradel,
E a casa de Antônio,
As bandeiras de papel

Me deu uma dor no peito

Mesmo assim me segurei alegria, emoção, tristeza,
raiva??... Não sei.

Meu filho desceu do barco .
Com o pé ali na lama...
Desci e ali comigo.
Desceu também a praiana.

Lembrei até da modinha que um dia eu mesmo fiz...
Que dizia que com ela
eu viveria feliz.

Subimos até a casa
E fizemos um café
Calcei a bota de novo
Fui na casa de pradé.

Pedi licença , entrei... E vi ali no fogão...
A panelinha pequena...
O caldeirão de feijão.
Na prateleira o exemplo
De quem tinha muita fé
A imagem de São Gonçalo
Jesus, Maria, José...

O violão bem velhinho , no canto ali encostado...
Lembrei do irmão nhirzinho
Grande amigo estimado

Fui até a sala e vi, ali, bem na cumieira
Da casa do mestre amigo,
As três sagradas bandeiras...

Me deu uma emoção
Aí não pude aguentar...
Chorei de tanta emoção
E me pus a perguntar

Porque o tempo não volta
Porque tudo se acaba
Cadê as nossas folias, as rezas, as arvoradas.

Cadê a fé de um povo
Será que foi tudo em vão
Não temos mais o respeito
Nem fazemos devoção

Pedi ordem aos santos
Fizemos a oração...
E tiramos as bandeiras
Da casa do guardião

As bandeiras levam benção
Para quem mais necessita
Leva paz, leva esperança.
Além de ser tão bonita

Levamos à São Miguel
Para pedirmos benção
Erguemos as mãos aos céus
Fizemos uma oração

Pagamos nossas promessas
Matamos nossa saudade
E fomos na cachoeira
Meu Deus que felicidade.

O tempo passa depressa
Voltamos no outro dia
Nós fomos pagar promessa
Voltamos em romaria

As bandeiras acompanham
Seus fiéis adoradores
Estará tão bem cuidada
Cheia de fita e de flores

Obrigado a São Miguel
Glorioso São Benedito,
Virgem mãe Aparecida,
São Gonçalo, Jesus Cristo

Agradeço aos meus tios, compadres primos parentes

Todos que lutam,
E fazem o mundo ser diferente.

Espero que bem loguinho
Que tão seja brevemente
No centro de São Miguel
Voltaremos novamente.

Mulher

Aluísio de França Dias

Já se olhou no espelho?
O que ele te falou?
Sabe aquela que te olhou com sarcasmo?
Ela também te amou!!!

O espelho disse que você é linda
No momento em que você sorriu
Olhou no fundo dos seus olhos
E viu o que você não viu

Aquele sorriso maravilhoso
Que logo de manhã você deu
Encantou o mundo todo Inclusive os olhos meus
Mulher você é maravilhosa
Essa força, e seu vigor?
Mesmos nos momentos mais críticos
Trata todos com Amor.



O Encontro

Aluísio de França Dias

Não está sendo nada fácil
Lutar pelo que é da gente
É matando um leão por dia
Mais sempre seguindo em frente

Uma bela ideia surgiu
Conversando pelos cantos
Era fazer um encontro
De todas as turmas LECAMPO.

Um grupo foi montado
Para tal organização
Alunos e professores
Juntos na mesma ação

Pensando as atividades
Na mesma sintonia
Com música, trtúlia e poema
Um belo encontro ali nascia

E então é chegado o dia
Por todos tão esperado
Muito ansiosos viajamos
Para o local Combinado

Conforme o planejamento
Tudo estava seguindo
As atividades foram belas
E o espaço estava lindo

Não está sendo nada fácil
Lutar pelo que é da gente
E matando um leão por dia
Mais sempre seguindo em frente

Sou Caboclo!

Ivani Florindo

Sou caboclo da madrugada!
Que levanto ao raiar do dia
Para nunca faltar o pão nosso de cada dia!
O sertão é meu Paraíso daqui ninguém me tira não
Daqui não saio não! Há não ser no caixão!
Digo isso para muita gente, não importo com sua profissão.
O que Deus me deu ninguém mete a mão!
Vou deixar de herança para essa nova geração.
O que aprendi e ensinei não é deixar acabar a tradição.
Se não manter ou não! O problema já não é meu não!
Pensam que sou um jeca, isso não me importa não!
Sei das leis e até da constituição
Agora se não faz muito por um caboclo é falta de consideração.
Que lei é essa que deixa a gente na mão!
Quer que a gente siga uma direção, sem muitas explicações.
Ser reconhecido como um caboclo nativo, isso ninguém se fala não.
Fico esperando por uma resposta que ninguém me responde não...

Meu Quilombo

Vaniely dos Anjos França Dias

No berço onde nasci
Tem crianças a cantar
Foi aqui mesmo que cresci
E tenho orgulho desse lugar
Meu Quilombo tem estrelas
Que iluminam nosso jardim
Vagalumes que brilham nos campos
E mostram vários caminhos a mim
Em cismar sozinho à noite
Em minha casa eu quero estar
Pois foi aqui mesmo que vivi
E tenho orgulho desse lugar
Minha terra tem mais vida
Onde na cidade eu não vou encontrar
Em cismar sozinho à noite
Em minha casa eu quero estar
Pois foi lá mesmo que nasci
E tenho orgulho daquele lugar
Não permita Deus que eu morra
Sem que alcance meu lugar
Sem que chegue aos meus objetivos
D'onde possam se orgulhar.
Pois do Quilombo que eu vim
Eu tenho orgulho em falar!



Espírito Atormentado

Cintia de Cristo Ramos

Lá para o lado do sertão do rio Pardo tem um casal de senhores, seu João e dona Maria, sempre que podem reúne seus filhos, noras e netos em volta da mesa fazendo suas rodas de conversas para contar suas histórias, a histórias dos avós e até dos bisavós, envolvendo desde as histórias de fé e superação, como também as histórias mais sinistras e assombradas...

As histórias assombradas são as mais escolhidas pra contar principalmente à noite. Naquela noite foi o seu João quem contou uma história já contada pelo seu pai, um acontecimento ainda quando ele era bem jovem...

O pai contava que, de uma oração que o pessoal fazia no sertão do rio Pardo. A igreja era de tábuas nessa época. Um dia de uma reza, lá de uma oração que estava fazendo, apareceu um camundongo e entrou dentro da calça de Nhô Quentinho. Aí começaram a pular para pegar o camundongo, e derrubaram a vela...

Quando viram que tinha pegado fogo em todos os santos, que eram todos de papel, o camundongo sumiu. Ninguém soube para onde foi, fazendo com que as pessoas deixassem de terminar sua oração para apagar o fogo.

Passou um tempo, fizeram uma recomendação. Eles estavam indo na recomendação, claro da lua, quando apareceram dois veados na recomendação. E correram atrás do veado para matar...

Corre pra lá, corre pra cá... Saíram correndo pelo meio de um canavial. Tinha uma cerca de madeira, na beira da estrada. Nhô Joaquim, arrancou uma estaca daquela cerca, deu uma madeirada na escadeira do veado, e o veado correu do lado do rio Pardo. Eles correram do lado do rio Pardo para pegar a canoa, para matar a o veado. O veado chegou em umas moiteiras que tinham na beira do rio e sumiu.

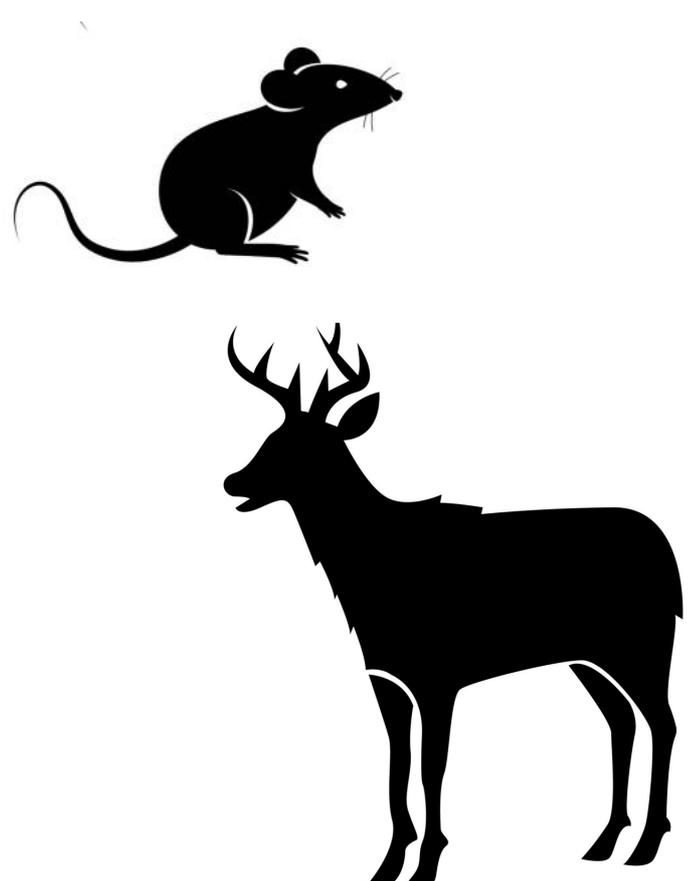
Passado tempo, seu Gonçalo e seu José, foram na casa de um curandeiro que tinha em Bocaiuva. Chegaram lá começaram a conversar com o senhor,

que se chamava João Ribeiro. Esse senhor perguntou de onde eles eram. Os irmãos contaram, o curandeiro falou:

— Vou perguntar uma história para vocês... Uns caras passaram aqui e contaram que uma vez passaram num lugar chamado Sertão do Rio Pardo. Tava uma turma rezando e eles viraram um camundongo e entraram dentro da calça de um veio. Pegou fogo nos santos e deu trabalho para apagar.

— E outra vez estavam andando na estrada e encontraram uma turma de gente que tava rezando. Eles viraram em dois veados, daí um tal de Joaquim Zabé deu uma cacetada na escadeira de um, daí resolveram sumir. O que tomou a cacetada ficou um par de dia doido.

Os irmãos confirmaram que a história era verdade, e o curandeiro disse que eram os espíritos malignos que andavam aprontando para as famílias, e não bicho.



História do Além

Joaquim Dos Passos Ursulino, saudoso "Quinzinho" (recontado por Jonas Joaquim Ursulino)

Já era tarde, quase pardejando, a noite se adentrava e Mulina continuava no boteco do vilarejo de Santo Antônio, boteco de Virgulino, o mais frequentado. Naquela redondeza ninguém andava depois que a noite caía, por conta dos boatos assustadores de que, quem se aventurou na noite nunca mais foi visto. Falavam que eram assombrações que tinham dado cabo dessas pobres vidas que com teimosia desafiou o desconhecido, em Santo Antônio tinha até um ditado "A noite não foi feita para os vivos andarem".

Mulina morava a cinco quilômetros do vilarejo e em seu caminho tinha um lugar misterioso chamado de Sumidouro. Os mais velhos contavam a todos arrepiados que uma assombração nesse lugar tinha roubado a vida de cinco pessoas que ali chegaram, depois de ter desafiado as horas noturnas. Mulina era corajoso, teimoso e um tanto debochado. Para assombração exibia de um modo valente uma espingarda de dois canos que sempre trazia na cabeceira de seu arreo.

Virgulino e outros que estavam no boteco o aconselharam, para que deixasse de valentia, fizesse pouso até que chegasse o outro dia, porque a espingarda que tanto mostrava para coisa de outro mundo, de nada valia. De nada serviram os conselhos, Mulina já trotava com seu cavalo ligeiro depois de uma dose caprichada, e olha que ele já estava de fogo.

O sumidouro já era um lugar assustador em pleno meio-dia, um lugar onde o caminho estreitava, para

cima um paredão de rocha e para baixo um desfiladeiro que os olhos não alcançavam. A noite estava escura e vez e outra um vaga lume acendia, Mulina sentia que a noite estava pesada, ainda mais quando o Sumidouro se aproximava. Ao avistar o paredão de rocha, sentiu um arrepio correr em seu espinhaço, dizem que os animais vê aquilo que não conseguimos, e seu cavalo viu, porque ficou veaco, refugou, empinou as orelhas e parou, do lugar não saiu. Foi aí que Mulina ouviu um barulho de metal, como se alguém arrastasse corrente pelo caminho estreito em sua direção.

O dia chegou passando do meio-dia e Mulina em casa não chegara. Divino, seu amigo de infância criado na família, foi à sua procura, jurando estar pelo caminho dormindo pela aguardente que bebia. O tal não estava pelo caminho, no boteco e nem no vilarejo, Virgulino contou dos conselhos dado ao desobediente e que essa foi a última vez que o avistou.

Santo Antônio se juntou nessa empreitada, mas a única coisa encontrada foi uma espingarda de dois canos dado nó, como em um cordão, à beira do desfiladeiro. Já se passaram várias décadas e tirar o caminho do sumidouro foi preciso, para que a sétima alma não fosse roubada, mas há quem conte que em noite de lua cheia quem passa por perto ouve, lá no sumidouro, um grito de lamento que parece ser a voz do Mulina.



O Abismo do André

Loami Katharine Alves Santos

Essa história aconteceu no século passado, no bairro da Serra de Iporanga, num local denominado “Aberta do Leão” ou “Aberta Funda”, nome dado ao local por um antigo morador da região.

Nesse local, há um abismo conhecido pelas pessoas do local como “Abismo do André”, que na verdade é mesmo uma caverna vertical. Recebeu esse nome por conta de um escravo fugitivo, que foi trabalhar para uma senhora de nome Prudência de Motta, matriarca do povo da Serra.

O dono do escravo ficou sabendo do ocorrido e foi até a fazenda dos Motta à sua procura. Assim, poderia cobrar uma indenização pelo uso indevido do escravo. Prudência, querendo se livrar dessa dívida, antes que o fazendeiro chegasse convenceu o seu filho, José, a matar o escravo. Segundo o plano de assassinato arquitetado por Prudência, José deveria convidar o escravo André para caçar, e lá na mata, sem que ninguém visse, matá-lo.

E assim foi... Prepararam um virado de feijão, carne de frango, e embrulharam para viagem. Levantaram bem cedinho e foram mata adentro, onde hoje faz parte do parque estadual Petar.

Chegando na Aberta do Leão, onde se localiza o abismo de mais ou menos 20 metros de profundidade, José pediu a André que se aproximasse do buraco para ver o que havia lá. Quando o escravo se aproximou, foi empurrado para abismo adentro.

José voltou para casa ao anoitecer e disse à mãe que já havia feito o combinado; matou o escravo André. Quando o fazendeiro apareceu à procura do escravo, disseram que não haviam o visto pela região.

Mais de um século depois do ocorrido, foi encontrado no abismo do André, por praticantes de rapel, uma ossada humana. Talvez fosse do André, não se sabe ao certo.

Diz a lenda que até hoje se ouvem gritos que saem do abismo, e que esses gritos são do escravo André pedindo socorro. A história conta ainda que José teria morrido louco, poucos anos após o ocorrido. Suicidou-se, fazendo cumprir o velho dito popular: “Aqui se faz, aqui se paga”.



Gado, Porcos e a Praga do Padre

Ivani Florindo da Silva, Silnei Florindo da Silva

No sítio Riacho Largo, distante da Vila do Morro Alto, moravam os pais de Francisco e seus irmãos. Desde pequeno, foi ensinado a cultivar a terra que era herança de seus avós. O tempo foi se passando e Francisco, já com uma certa idade, acompanhava o seu pai nos mutirões que os agricultores faziam para o plantio de suas lavouras e colheitas, era comum no final do trabalho fazer uma comemoração para compensar o dia daqueles que participaram do mutirão, afinal era um trabalho de camaradagem, então merecia uma recompensa com um forró a noite. Podia participar somente quem trabalhava, caso contrário, se o sujeito que não compareceu de dia se atrevesse a ir à noite era obrigado a dar uma justificativa ou pagar para entrar no salão, ou era retirado do baile a força. Assim era a vida do Francisco, acompanhava os pais nessas tarefas e em ocasiões de reza e festa religiosa, o que era muito comum, sendo o seu pai uns dos capelães.

Francisco foi se tornando um jovem e fazia planos para dar um rumo à sua vida, construir sua própria família. Foi em uma dessas festas que começou o encanto pelas mocinhas, que frequentavam os bailes até mesmo nas rezas na capela. Uma delas chamou sua atenção, a encantada Ana Carolina. Na época eram os pais que arranjavam os casamentos para os filhos, seu pai percebendo o interesse do filho pela filha do seu amigo, foi logo tratando de marcar uma prosa para fixar o namoro dos filhos que já estava em tempo de construir sua própria família e até mesmo assumir as responsabilidades dos pais que já estavam ficando velhos.

Assim se sucederam os combinados dos pais, e Francisco e Ana Carolina, ficaram noivos, em pouco tempo se casaram, e em seguida nasceu o primeiro filho. Francisco assumiu as responsabilidades do pai como capelão do vilarejo. Uma vez por mês, todos os católicos se reuniam para ir à missa na capelinha de Nossa Senhora Aparecida no vilarejo. A igreja ficava em um terreno próximo do de um comerciante e criador de gado e porcos.

Para ajudar Francisco, seu amigo e compadre, Manoel, assumiu a responsabilidade de zelar pela ca-



pelinha. Certo dia, chegando na capelinha para abrir e esperar o padre e os fiéis, ele percebeu algo estranho. Em volta da construção estava uma cerca feita com arame farpado. Manoel ficou espantado, pois nunca antes tinha visto aquela cerca ali.

Diante disso, foi falar com o comerciante que tinha sua casa ao lado. Para sua surpresa o sujeito, fora de si, brigou, xingou muito dizendo que o território era dele, e que daquele dia em diante não haveria mais missa, não queria ser perturbado aos domingos. Manoel então disse:

— Tudo bem, vamos esperar o padre chegar para resolver tudo isso com ele.

Os fiéis foram chegando e ficaram esperando o padre do lado de fora sem poder entrar. Quando o padre chegou foi logo perguntando o que estava acontecendo e porque a igreja não estava aberta, Manuel explicou para o vigário o que havia acontecido.

O padre foi ter um dedo de prosa com o comerciante e queria saber que loucura era essa de impedir a comunidade de ter missa na capelinha, que era antiga e era única naquele vilarejo. A prosa foi longa e teve muitas discussões dos dois lados. Para não as-

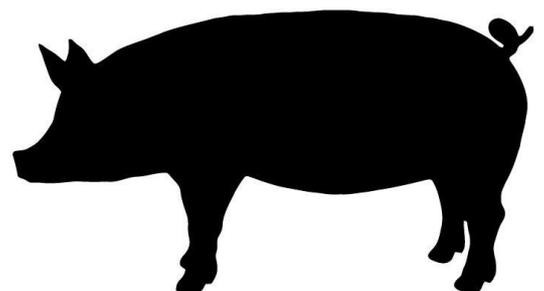
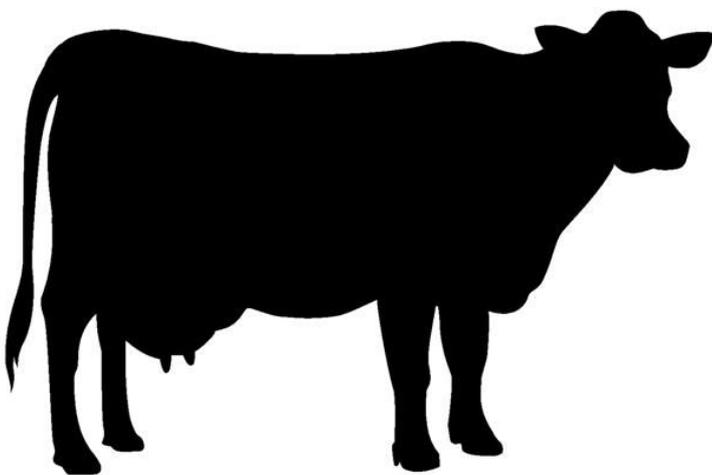
sustar os fiéis o padre em um determinado momento desistiu de brigar, porém, deixou um recado:

“— Isso não termina aqui. A justiça de Deus chegará mais cedo ou mais tarde.

Os fiéis voltaram para suas casas pensando em uma solução para não acabar a tradição. No mês seguinte os fiéis se reuniram entre si e se propuseram continuar as missas, em casas. A capelinha por sua vez já se tornara chiqueiro de porco, e mais tarde curral para gados.

Com a solidariedade da comunidade, dos vizinhos e de amigos, a nova capela de Nossa Senhora Aparecida ganhou vida, e assim está em pé até os dias atuais.

Quanto à capela antiga, o comércio se acabou. Os bois e porcos foram morrendo um a um, até virar em nada, como o povo costuma dizer por aqui. Há quem diga que foi justiça divina, outros que foi praga do padre, até porque todos sabem que brigar com padre não presta”, e que praga de padre não falha. O que de fato houve, não sei dizer, deixo a cargo da imaginação do leitor, o que sei é que Francisco ainda vive tranquilo sabendo que com as bênçãos de Nossa Senhora cumpriu sua missão.



Meu Pedacinho de Chão

Cleide Divino

Em um lindo dia ensolarado do mês de dezembro, e o restinho da primavera almejava o suave perfume das flores silvestres das matas que cercavam o pedacinho de chão cheio de árvores frutíferas e lindos riachos. Ali vivia Tininha, uma garotinha sonhadora que dividia seu tempo tão sonhado da infância entre estudar, realizar os afazeres domésticos e cuidar do seu irmãozinho caçula, o Pedrinho.

Tininha vivia em uma casa bem simples feita de tábuas, com piso queimado vermelho. Nessa casa viviam mais sete pessoas: seus pais Roseno e Margarida, e os irmãos Godoy, Guilhermina, Francisco, Xavier e Pedrinho. Todo dia ao chegar em casa após o horário de aula, Tininha tinha como obrigação lavar as louças do almoço, moer cana para adoçar o café da tarde do seu pai e irmãos mais velhos que trabalhavam na roça, socar arroz e cuidar até o anoitecer de Pedrinho. Quando Margarida, sua mãe, terminava o jantar e servia a todos, era o horário em que a pequena Tininha estava livre. Cansada de tanto trabalhar o dia todo, Tininha deitava sobre sua pequena cama com um fino colchão e um travesseiro feito com recorte de roupas velhas e tirava seu pesado sono. Tinha dias em que Tininha trazia livros de historinhas para ler escondido em cima dos longos e aconchegantes galhos de uma mangueira. Porém sempre que sua mãe percebia que Tininha havia sumido, logo gritava seus altos e ardiditos gritos que fazia Tininha perder até o sentido da história em que estava lendo:

— Tininha!!! Você está surda? Não tá vendo que estou te chamando? Se você não aparecer agora vou te dar tantas varadas que você vai saber rapidinho o que mandei você fazer! Não enche minha paciência menina!

Ao ver que sua mãe não estava para brincadeira, escondia o livro entre as folhas da mangueira e corria para terminar os serviços de onde havia parado.

Margarida gostava de lavar roupas sempre nas sextas-feiras, após a aula de Tininha, assim ela podia descer até o riacho e fazer o serviço tranquilamente, já que eram muitas peças.

Numa dessas sextas-feiras, Margarida deixou Pedrinho com Tininha e foi para o riacho com as roupas dentro de uma enorme bacia de alumínio. Quando percebeu que sua mãe já tinha chegado até o riacho e batia as roupas sobre as pedras, a menina correu, fez Pedrinho dormir, colocou ele sobre um lençol estendido embaixo da mangueira e subiu no galho para ler um gibi da Mônica.

A história estava tão boa que esqueceu do seu irmão, e quando deu por conta ele havia sumido.

Ela entrou em desespero. Com o coração quase saindo pela boca, chamava baixo por Pedrinho para que sua mãe não ouvisse, mas ele não respondia. Nessa altura ela já havia procurado por todos os lugares e nada do irmão. Não sabendo mais o que fazer, pediu ajuda para a comadre da mãe, Catharina, que era sua vizinha, e novamente começaram a busca por Pedrinho antes que Margarida chegasse do riacho, e pelo tempo já passado estava prestes a chegar. Catharina e Tininha começaram a revirar tudo o que havia ao redor, e nada. Quando já estavam desistindo de procurar e se encorajando para falar o que havia acontecido para Margarida, ouviram um gemido igual cachorro quando está se espreguiçando. Quando olharam dentro do armário vermelho de madeira, na maior porta, estava Pedrinho, com o rosto todo sujo, dormindo com as mãos enfiadas sobre o pacote de leite em pó.

Tininha ao ver seu irmãozinho daquele jeito, não sabia se sorria, se chorava ou se o acordava para tomar banho. Como ela sempre foi muito esperta, resolveu acordar Pedrinho e colocá-lo sobre um enorme balde com água morna, esquentada às pressas no gigante fogão a lenha e banha-lo. Quando Tininha estava enxugando o menino para vestir suas roupas, Margarida chegou, estava tão exausta que disse:

— Como gostaria que toda criança tivesse uma irmã tão cuidadosa como você Tininha.

História de Fé

Thais Cristina Gonçalves de Cristo

Em uma comunidade camponesa chamada Rio Pardo, devido ao rio que corria nas proximidades, tinha um fazendeiro muito rico dono de muitas terras férteis para agricultura. Também naquela pequena comunidade havia trabalhadores pobres como seu Antônio, que vendia sua mão de obra trabalhando por cinquenta reais por dia, às vezes nem chegava a isso.

Seu Antônio era um homem de muita fé, mais velho e não tinha terra, mas aprendeu com seus pais o trabalho do campo, e assim batalhava todos os dias para sustentar sua família. Já o fazendeiro era um homem orgulhoso, esperto, não acreditava em Deus, nem no conhecimento tradicional sobre a terra que o homem pobre possuía.

Era chegada o mês de agosto, tempo de plantar feijão. Seu Antônio então pediu um cantinho de terra ao fazendeiro para plantar, e ele concedeu um espaço pedregoso, que não era bom para o cultivo. Em troca do espaço, seu Antônio teria que trabalhar para o fazendeiro durante a semana toda, e só teria tempo para cuidar da sua pequena roça aos finais de semana.

Assim se fez o mandado do fazendeiro. Junto com outros camaradas, limpou, jogou veneno, depois de uns dias queimou, e por fim plantou o feijão. O fazendeiro observando e abusando disse aos trabalhadores:

— Essa terra é muito forte, boa para a produção! Nem que Deus não queira, vai produzir muito feijão para eu vender.

Já o homem pobre trabalhava aos finais de semana para preparar sua roça, num terreno com bastante pedras, apenas com uma pequena camada de terra. Roçou o dia todo, passando alguns dias, queimou onde o mato já estava seco, e quando deu a lua minguante plantou o feijão com a cavadeira, junto de um pouco de hortaliças e remédios. Sozinho em seus pensamentos, agradeceu a Deus e pediu com fé que produzisse um pouco de feijão naquela terra para o sustento de sua família.

Semana a semana, seu Antônio foi trabalhar na roça do fazendeiro. Plantaram cerca de três alqueires. O rico então chegou e disse ao trabalhador pobre:

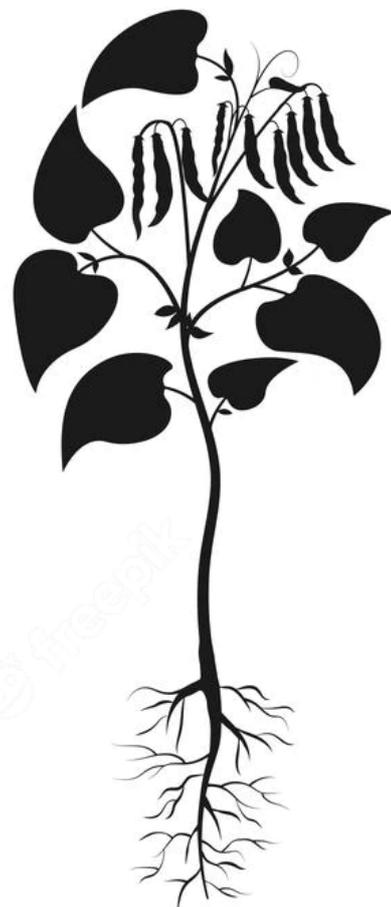
— Onde você plantou feijão não vai produzir nada. Você perdeu seu tempo trabalhando em pedregulho. Já o meu vai produzir muito, nem que Deus não queira produzir.

O homem pobre respondeu:

— Eu tenho fé que vai dar produzir feijão. Se Deus me abençoar eu colho feijão.

O rico fazendeiro apenas riu.

Assim, foram passando os meses. O feijão do pobre cresceu, deu flor, bastante bainhas, e alimento com abundância. Já o do homem rico não deu nenhuma semente de feijão.



Cachoeira do Guilherme, o Coração da Juréia

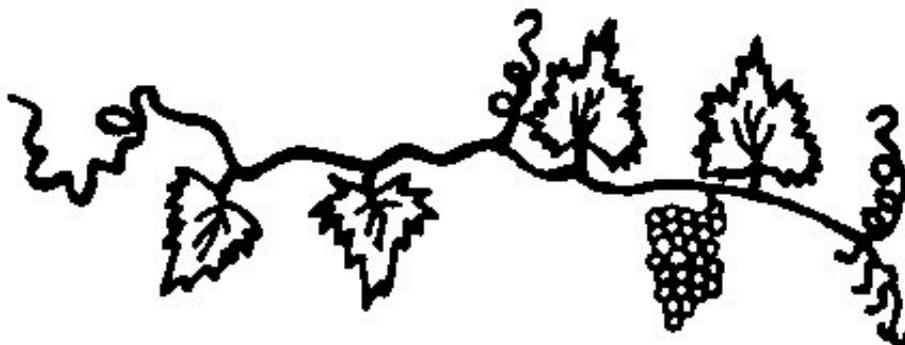
Daiane Neves Alves Prado

No início da primavera, em setembro, havia uma festa na cachoeira do Guilherme, comunidade central para as comunidades da Juréia, onde existia o centro espírita coordenado por Sátiro Tavares, que era um grande líder religioso muito importante para a região. Essa festa reunia várias pessoas de todas as comunidades do entorno, além de pessoas de outras regiões que participavam das rezas e às vezes traziam alguns problemas de saúde e familiares para consultar Seu Sátiro, ou então agradecer por alguma melhora.

Seu Sátiro era um homem que veio para a cachoeira do Guilherme com seus pais, pois vieram fugidos do município de Pariquera-Açu por conta da perseguição que sofriam por serem espíritas. Ele viveu nessa comunidade, constituiu família e acabou se tornando essa grande liderança após a morte do seu pai, com quem aprendeu muitas das coisas que sabia. Seu Sátiro foi juntando comunitários que acreditavam em suas palavras, e um destes era a minha avó, Benedita da Silva Neves, que também era espírita e passou a frequentar a cachoeira do Guilherme em todas as festas religiosas que aconteciam lá. Minha vó morava na comunidade do Grajaúna, e para chegar na cachoeira do Guilherme tinha que fazer uma caminhada de aproximadamente 4 horas de morro até chegar no centro espírita, onde além de participar das festas também auxiliava Seu Sátiro nas suas rezas. Vó Dita sempre dizia que ela tinha um compromisso e que por isso ela nunca deixava de ir.

Minha vó sempre nos contava que meu tio, quando era jovem, sofreu um acidente cortando palmito e ficou machucado do ombro. Ela achava que ele não conseguiria mais trabalhar ou fazer qualquer outra coisa, pois tinha dificuldade até para andar. Por conta dessa situação, meu avô seguiu sozinho até a cachoeira do Guilherme para consultar Seu Sátiro sobre o que era melhor fazer. Chegando lá, Seu Sátiro já estava esperando meu avô na mesa, e disse para ele ficar tranquilo que tudo ia se resolver; ensinou uma simpatia, deu um remédio da mesa (água benzida) e pediu para que desse três vezes ao dia para meu tio. Falou que logo iria melhorar e que, quando meu avô chegasse de volta em casa, meu tio já andaria bem. Quando o avô chegou em casa, meu tio já estava com uma aparência bem melhor; meu avô fez a simpatia e deu o remédio assim como ensinado pelo curandeiro. Passando um mês após a consulta, meu tio voltou a trabalhar normalmente como Seu Sátiro havia dito.

São vários os relatos de cura pelo Seu Sátiro, entre muitas histórias que minha avó contava tinha também a história de uma vizinha Mariquinha que um dia estava com uma dor de dente imensa e da mesma forma que outras pessoas ia consultar com Seu Sátiro, porque não tinha médico perto. Seu marido, Francisco, foi até a casa do religioso, Seu Sátiro receitou um chá de ervas e depois ficou em silêncio por algum tempo na ponta sua mesa. O marido tinha pressa e queria retornar imediatamente por conta da sua esposa, mas Seu Sátiro o tranquilizou dizendo:



— Francisco, tome um café tranquilo, porque sua mulher não está mais com dor.

E assim ele o fez. Quando seu Francisco chegou de volta em sua casa, perguntou para sua mulher se já estava melhor e ela respondeu que sim, que por volta de 12:00 já não sentia mais dor. E então Seu Francisco percebeu que era o mesmo horário em que Seu Sátiro ficou em silêncio na ponta de sua mesa.

E foram por esses e outros motivos que as pessoas acreditavam e confiavam muito nas palavras de Seu Sátiro, o curandeiro, porque sabiam que ele teria sempre uma saída para qualquer problema. As festas aconteciam sempre em datas religiosas, eram três encontros: o primeiro no dia 25 de março, concepção de Jesus Cristo, o segundo em 24 de junho, São João, e o terceiro em 29 de setembro, dia de São Miguel Arcanjo, que era o padroeiro da comunidade. Nas festas de São João e São Miguel era muito comum fazer os batizados das crianças. Em todos os encontros no final na reza tinha sempre uma confraternização, o fandango que é natural da cultura caiçara. Mas além dessas datas centrais, Seu Sátiro fazia rezas em todo o primeiro sábado de cada mês.

No ano de 1995, Seu Sátiro veio a falecer, deixando seus seguidores tristes, mas com a necessidade de continuar o trabalho que era feito por ele e assim por vários anos eram feitas as festas e rezas da mesma maneira. Com a repressão que passamos a sofrer a partir desde 1986, da Estação Ecológica criada sobre os territórios das comunidades, que proibiu todo o seu modo de vida, houve então um esvaziamento da comunidade de Seu Sátiro. Minha vó Dita então continuou os trabalhos das rezas de primeiro sábado em sua casa no Grajaúna, onde reuniu alguns moradores, e da mesma forma fazia batizados, receitava remédios e fazia benzimentos, até sua idade ficar avançada e ser necessário parar com os trabalhos. Hoje esses trabalhos continuam aqui nas comunidades, sendo feitos por outros comunitários e que são seguidos por nós desde a época do Seu Sátiro. E assim vamos seguindo nossas vidas, com muitas dificuldades, pois os mais velhos estão indo embora, e nós jovens estamos ficando sem nossos territórios para fazer a continuidade de nossa cultura. Mas sempre temos fé em nossos guias de luz.





Eu Estava Lá

Roseli Alves Aguiar

Um domingo chuvoso, acordo cedo. "Será que meus avós vão contar a história deles como de costume em toda manhã chuvosa?". Me pergunto ansiosa.

Chego perto do fogão a lenha e lá estão eles, rodeados de filhos e netos, contando o quão difícil foi a vida para eles. Todos escutam em silêncio a mesma história contada mil vezes e todos amam, pois não é só a história dos nossos avós, é a história de nossos pais, de nossos tios, e é a nossa história também. Nunca saberemos quando será a última vez que vô João e vó Levina, como os chamamos, nos emocionarão com as suas histórias, então todas as vezes os ouvimos com o coração. Eu consigo viajar imaginando tudo o que eles nos contam, como se eu estivesse lá, acompanhando cada passo da infância e da vida cheia de luta e desafios deles, mas a verdade é que, em algum lugar, eu sinto que estava.

Nunca poderei esquecer daquele menino o João, de 4 pra 5 anos que perdeu a mãe no parto do irmãozinho caçula e que com seus irmãos com idade não maior do que 10 anos foi deixado pelo pai. Que ficou inconformado com a morte da esposa e começou a beber os deixando à mercê da cruel vida do sertão. Jamais esquecerei também da menina fruto de um relacionamento proibido, filha de uma menina de 14 anos, sem pai, e que foi criada pelos avós: a nossa pequena Levina. Queria dizer que essas histórias não são tristes, mas a verdade é que elas são.

O menino Joãozinho, nosso querido avô João, homem com postura séria e respeitosa que encanta a todos

com sua fé e sabedoria, conta das vezes que seu pai o deixava em um sertão distante de casa, em um barraquinho de pau a pique, para que ele cuidasse dos porcos. Na sua memória infalível, lembra que tinha pouco mais de 6 anos e que sentia tanto medo que nem é capaz de descrever. Não se esquece da primeira vez em que conheceu a sua madrasta, que o espancava, o obrigava a trabalhar para ela e mal lhe dava o que comer. Lembra também da última vez em que a viu, quando tinha seus 13 anos e que em um momento de revolta resolveu se defender, deu um tapa em seu rosto, arrumou suas coisas e nunca mais voltou para casa. Um menino de 13 anos sozinho contra o mundo, bom, ele não estava sozinho, pois eu ainda sinto que eu estava lá.

Ainda fala sobre tudo pelo que passou, pelos caminhos que andou e as situações que presenciou. A falta que sentiu do pai e dos irmãos pelos quase 30 anos de saudade em que viveu sem notícias deles. Às vezes uma lágrima escapa de seus olhos que logo são enxugadas e disfarçadas, disfarça as lágrimas da mesma forma em que esconde suas dores, não por ter vergonha delas, mas para nos ensinar que não importa as coisas pelo que temos que passar e nem os caminhos que percorremos, o que importa é ter onde chegar, é conquistar, lutar, perdoar e superar.

Vó Levina com seu jeito bruto e com sua voz arrogante, pois a vida a fez ser assim, mulher camponesa, negra, íntegra, com postura dura e cara fechada, mas debaixo dessa dureza toda tem coração gigante que só sabe amar, que apesar das

suas dores ama a sua história e não nega as suas origens. Se lembra de ser a única criança da comunidade que não tinha uma família normal e se sentia sozinha, mas ela não estava, porque como eu já disse, eu estava lá, o tempo todo, em algum lugar. Com lágrimas ela conta a dor que sentiu quando descobriu que cresceu com os seus irmãos e não sabia quem eles eram, quando seu pai, antes de morrer, resolveu revelar um segredo de uma vida inteira.

A vida dos camponeses desde antes de nós nunca foi fácil, o poder público nunca nos alcançou, mas não pense nem por um segundo que não há felicidade no decorrer de cada uma de nossas histórias, acredite em mim quando digo que há. Somos feitos de luta e desde que me lembro por gente, de superação também.

João e Levina nasceram no campo, cresceram no campo, lutaram no campo, sobreviveram no campo, se encontraram pelo campo e criaram raízes que pelo campo se espalharam. Sou parte de suas raízes, ser neta deles é o que me dá forças para enfrentar o que é que for, pois meus avós são meu maior exemplo de superação.

Caro leitor, todas as vezes que ouço essas histórias acredito que eles merecem todos os abraços e aplausos do mundo, escrevo sobre eles para honrá-los, se você está lendo essa história, foi porque eu quis que de alguma forma vocês os abraçassem e os aplaudissem também.



A Mãe Raposa

Vanessa Muniz Honorato

Essa história se passa numa floresta tropical local, um pouco distante, aparentemente inabitada e desconhecida. Mas moravam ali muitas e muitas famílias, e eram muito felizes na maneira que viviam. Havia uma raposinha branca que vivia livre e feliz com seus irmãos e seus pais, e conforme ela ia crescendo, foi aprendendo tudo sobre a natureza, sobre o mar e a lua e mais especificamente sobre o mato em que nasceu e se criou.

Depois de crescida a Raposa branca se casou, se casou com um raposo dançarino que também é nascido no mesmo mato em questão, e que também tem um vasto conhecimento e sabedoria. Juntos começaram a construir sua família e foram morar em sua primeira casa, onde encontraram alguns obstáculos, por causa de algumas Antas que faziam muitos estrondos ao andarem próximo à casa. A família da Raposa não tinha mais sossego e então decidiu se mudar para outro lugar, mais para o interior da floresta, local próximo a casa do famoso Tucano dourado. Pensando sempre em sua família, a Raposa Branca e seu esposo Raposo Dançarino escolheram fazer sua casa, como de costume próximo às cachoeiras e próximo de alguns amigos. Foi lá que moraram por muito tempo, plantando e colhendo e onde criaram alguns de seus vários filhotes com o mesmo carinho e dedicação que seus antepassados tinham.

O tempo passou e novamente a Raposa Branca e sua família se mudaram, dessa vez próximo à praia. Praia onde passaram com a imagem do Bom Jesus de Iguape. Fizeram uma casa maior e mais ao alto, em cima do morro, onde tiveram mais filhotes e, como fizeram com os outros, os ensinaram não somente os conhecimentos da floresta, mas também o da vida. A Raposa branca era conhecida por curar de susto os filhotes de queimaduras, e também tinha o conhecimento das plantas e das ervas. Nesse novo lar sempre havia muitos amigos indo procurar ajuda por sua sabedoria. Nessa casa também havia muita diversão, danças, reuniões de amigos da Raposa Branca e seu esposo e também muitos ensinamentos. Ali eles conheceram alguns amigos que iam fazer parte dos tempos mais difíceis de suas vidas. A Rapo-

sa Branca conheceu também as cobras, animais traiçoeiros e venenosos, que a princípio ganharam a confiança da dona Raposa e de seu esposo com uma falsa amizade e falsas promessas, se aproveitando de sua grande bondade. Teve um tempo que as cobras prometeram ajudar a reformar a casa da família de raposas e dos familiares e amigos, mas, na verdade, o que fizeram foi atrapalhar a vida deles com sua agressividade e veneno, pressionando-os a abandonarem seus lares. Raposa Branca e sua família que eram nascidos na redondeza e estavam devidamente instalados em seu novo lar e com sua plantação de bananas no terreiro (fruta que ela adorava). Com sua grande sabedoria descobriu que além de seu conhecimento ela era imune ao veneno das cobras e podia enfrentá-las e defender o lugar em que nasceu e criou seus filhotes. Com alguns de seus filhotes já crescido e com a mesma imunidade começaram uma luta para combater com muita determinação e garra a infestação de cobras que ali estava tentando expulsá-los dali.

Nesse período, como muitos não tinham o conhecimento e imunidade da dona Raposa, tiveram que ir embora e abandonar a floresta, deixando várias e várias taperas, pois as cobras agora aliadas as onças não davam sossego, muitos inclusive não conseguiram se adaptar fora da floresta, não aguentaram viver sem a floresta e o mar. Foram mui-



tos anos de brigas e embates, tudo porque as cobras queriam que as famílias abandonassem o território, para que tivessem a floresta exclusivamente para eles. Dona Raposa resistiu e permaneceu no lugar onde nasceu e criou seus filhos. Muitas foram as tentativas de expulsá-los, mas poucas foram as vitórias das cobras, quase nenhuma, até porque a Raposa Branca tinha a seu favor todo o conhecimento e uma força espiritual deixada por seus antepassados. Mas infelizmente seus filhotes tiveram que sair da floresta, pois muitos direitos lhes foram tirados e não puderam permanecer.

Mais recentemente, já com a dona Raposa em idade bem avançada, as cobras contra-atacaram novamen-

te com seu veneno, em uma batalha desonesta contra a dona Raposa e sua família, dessa vez conseguiram atingi-la e por causa das poucas forças teve que abandonar as batalhas, mas dona Raposa em sua infinita sabedoria ainda deu sua última tacada, deixou a seus filhotes com todos seus ensinamentos valiosos para aguentarem as batalhas que estavam por vir e defender o ninho de invasores, sejam animais maiores ou venenosos. Hoje o seu Lar é bem guardado por seus filhotes ferozes, jovens e cheios de energia que cuidam do mato e do mar e de sua plantação de bananas e assim preservam e passam seu conhecimento para outras gerações e usam como inspiração sua luta para seguirem firmes resistindo no mato que é deles por direito.



As Marias do Brasil

Erika Lopes dos Santos

Perdida em seus pensamentos, Ana relembrava as histórias de vida de sua mãe, Maria. Hoje, mulher já formada, adulta, relata com orgulho aos filhos as histórias de sua avó. Maria foi uma camponesa negra de uma família muito pobre vinda de uma educação machista, de uma época que mulheres eram proibidas de ir para a escola, e o único papel que lhes cabia era o de casar, ter filhos, cuidar de casa e ajudar na lavoura da roça.

Ana inconformada relata que sua mãe foi vítima do casamento arranjado, no qual o costume era de os pais escolherem o marido. A filha não podia namorar, a não ser pelo buraco da parede, até o dia do seu casamento. Desta união nasceram quatro filhos, dos quais Ana é a caçula.

Depois de casada, Maria passou alguns anos vivendo na cidade grande. Era sofrida, pois seu marido Tibério era alcoólatra e todo o pagamento era gasto nos bares com os amigos, deixando a família sem o que pôr na panela. Isso sem contar às vezes que chegava já em altas horas, quebrando a porta e chutando tudo o que via pela frente. Desesperada, a esposa carregava os filhos pela janela que dava na sua comadre Cristina, que os socorria. Para ajudar na renda de casa Maria, vendia fita e maço de cigarros no sinal de trânsito, e isso sem contar as vezes que limpava os quintais das famílias ricas. Foi com os cruzeiros deste trabalho que comprou sua tão sonhada televisão a cores de 14 polegadas. Um marco na época, pois as TVs ainda eram, em sua maioria, em preto e branco.

Passados alguns anos, Tibério e Maria retornaram à sua cidade natal com a ideia de um recomeço, de uma vida melhor. A princípio, construíram uma morada de pau a pique, muito comum na época, numa terra emprestada provisoriamente. Entretanto, a mulher teve que enfrentar, pior que o vício do marido, as suas traições. Até que um dia ele saiu de casa, abandonando Maria e seus quatro filhos. Desde então, ela se viu como a única responsável pela sobrevivência da família.

Nesse momento a história é interrompida, porque Ana

ouve batidas de palmas no quintal. Era seu vizinho Antônio, um senhor já de uma certa idade, que vinha pedir a Ana umas ramas de mandioca para plantar. Alegremente Ana vai ao teu quintal arrancar algumas mandiocas e dá as ramas ao vizinho, que após agradecer vai embora.

E assim os filhos já voltam a pedir para que Ana continue a história de sua avó Maria. Continuando Ana olha para a TV e diz aos filhos:

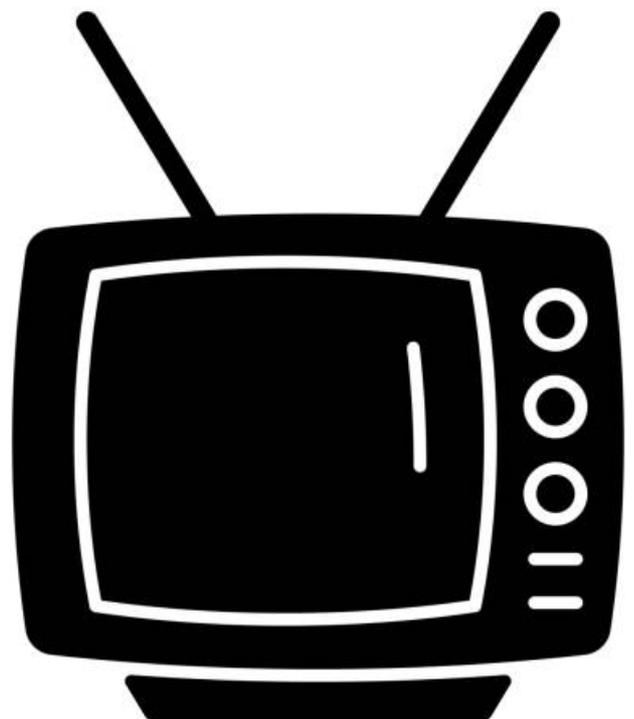
— Vocês acreditam que essa terra, onde hoje moramos, sua vó Maria pagou com uma TV?

Os filhos curiosos e abismados disseram:

— Como assim mãe?

Ana, com um sorriso largo, continuou:

Depois de ser abandonada, Maria podia não ter leitura e estudo, mas era esperta e astuta. Na época, conheceu Antônio e sua família, e sabia que eles eram donos de grandes terras. Então contou-lhe sua história de vida, e o proprietário e sua mulher se co-



moveram. Maria aproveitou a deixa e perguntou se eles não venderiam a ela um pedacinho de terra para que ela pudesse morar com os seus filhos. Dinheiro não tinha, mas tinha de valor uma televisão nova de 14 polegadas, e que diferente das que havia no município, tinha cores. Antônio aceitou a forma de pagamento e foi mostrar a terra à nova moradora.

Joãozinho, o filho mais velho, interrompe Ana para dizer que está com fome. A mãe, que já havia colocado as mandiocas para cozinhar, preparou o café para pôr na mesa, e feliz observou como os filhos comiam, maravilhados. Então comentou que os alimentos que Maria dava a ela e seus irmãos mais velhos eram à base de mandioca, pois ela sempre dizia que se você plantasse uns dez pés no quintal você já teria um bom alimento, por que é um ingrediente com diversos usos, como frita e cozida, feito sopa, caldos, bolos e etc. Passado o almoço, as crianças querem sair para brincar, e muitos felizes agradecem a mãe pela história de vida e luta de sua avó Maria, a qual não conheciam. Ana os abraça e diz:

— Ela era uma grande mulher meus filhos, e se a mãe de vocês é uma mulher hoje em dia, é graças à educação dela. A vó de vocês provou que nenhuma mulher deve achar que é dependente de homem, pois mesmo estando sozinha e abandonada, criou quatro filhos na roça, sempre dando atenção, amor e carinho...

Nesse momento as crianças já correm no terreiro. Ana então pensa alto, e olhando a imagem do retrato de sua mãe diz:

— É mãe, você foi mais uma das milhares de Marias desse nosso mundão, que carrega suas histórias de vida para lembrar de onde veio e onde quer chegar. E hoje, mãe, se você está tendo uma filha se formando em uma universidade pública é graças às suas broncas que dava em mim e em meus irmãos ao nos acordar às três da madrugada, naqueles dias de inverno, na claridade do lampião a querosene, para nos arrumar e caminharmos na claridade de um farolete de pilha há uma distância de 4 km até a escola que ficava na cidade, então obrigada mãe...

